

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

ALANA ARAUJO CORRÊA SIMÕES

**INSCREVER, REPETIR E CRIAR:
LEITURAS DO TEMPO EM FREUD**

VITÓRIA

2021

ALANA ARAUJO CORRÊA SIMÕES

**INSCREVER, REPETIR E CRIAR:
LEITURAS DO TEMPO EM FREUD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional, na linha de Subjetividade, Saúde e Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ariana Lucero

VITÓRIA

2021

ALANA ARAUJO CORRÊA SIMÕES

**INSCREVER, REPETIR E CRIAR:
LEITURAS DO TEMPO EM FREUD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional, na linha de Subjetividade, Saúde e Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ariana Lucero

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ariana Lucero (Orientadora)
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Fábio Diaz Camarneiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha
Universidade Federal de Minas Gerais

**Prof.^a Dr.^a Ana Augusta Wanderley
Rodrigues de Miranda**
Universidade Federal do Espírito Santo

A Vaner, pai de meu pai, que, mesmo sem saber e no momento mais necessário, me lembrou o quão corajoso é ser uma mulher que estuda.

AGRADECIMENTOS

Escrever é um ato de solidão. É preciso experimentá-la para que o texto se emancipe de quem o escreve. Escrever em um contexto de pandemia, no qual o isolamento social foi uma política de cuidado, é muito mais solitário. Estar acompanhada, mesmo de longe, de pessoas queridas, compreensivas e cuidadosas, foi imprescindível para a manutenção do processo de escrita e para a conclusão deste trabalho. Agradeço a todos os familiares, professores e amigos que fizeram parte deste momento de pesquisa de forma direta ou mesmo indireta. Registro aqui alguns agradecimentos específicos para os que estiveram diretamente me acompanhando neste momento de trabalho.

Aos meus pais Suely e Vaner, agradeço pelo amor incontestável, pela formação ética e institucional, e por todo tipo de incentivo em seguir o caminho da pesquisa. Vocês me deram condições de desejar e de poder construir os meus desejos.

Ao meu irmão Vernon, agradeço pelo amor, humor e compartilhamento de experiências de pesquisa. Você é um grande exemplo e a parceria mais grandiosa que já experimentei.

Ao meu companheiro Felipe, agradeço pelo acalanto, companheirismo diário, pelos longos diálogos e por me trazer a leveza necessária para sustentar este trabalho.

A minha orientadora Ariana, agradeço por topar este trabalho conjunto, por toda compreensão, paciência e rigor acadêmico no qual depus toda a minha confiança. A sua consistência me inspira a contribuir com uma produção de conhecimento mais qualificada.

A minha banca examinadora de qualificação e defesa, Ana Augusta, Fábio, María José e Guilherme, agradeço pela disponibilidade e pelas trocas propiciadas por suas longas caminhadas de trabalho com a pesquisa.

A minha analista Hosana, agradeço pela escuta e pela consistência de trabalho que me abriu um caminho de formação em análise.

Aos meus amigos do peito e companheiros de mestrado Jéssica, Marcelo e Maiara, agradeço pela amizade, companhia, compartilhamento e acolhida neste momento de pandemia.

Aos meus amigos e também mestres Nelson, Ernesto e Yan, agradeço por se disporem a ler meu trabalho enquanto inacabado e me auxiliarem com suas considerações tão precisas.

E, por fim, em um contexto tão difícil para a pesquisa no Brasil, torna-se, mais do que nunca, indispensável reconhecer que este trabalho contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

[...] se nada passasse, não existiria o tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, pois, esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que, por um lado, o passado já não existe, por outro, o futuro não existe? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse o passado, já não seria tempo, mas eternidade. Logo, se o presente, para ser tempo, só passa a existir porque se torna passado, como é que dizemos que existe também este, cuja causa de existir é aquela porque não existirá?

Santo Agostinho (1984/2008)

O presente é o tempo verbal em que o desejo é representado como realizado.

Freud (1900/2020)

RESUMO

O presente trabalho realiza uma análise teórico-conceitual das diferentes modalidades temporais presentes nas obras de Freud. Para isso, sistematizou-se uma leitura que reconhece três movimentos temporais. O tempo das inscrições que fundam e constroem um aparelho psíquico, remodelando um passado que se faz atual. O tempo das repetições, sempre atual e desprovido de representação, expresso através da compulsão à repetição, cujo funcionamento encontra-se ligado ao conceito de pulsão de morte. O tempo das criações presentes em funcionamentos psíquicos da fantasia e do luto, nos materiais poéticos e na própria clínica, que apontam para a ficção de um tempo futuro. Dessa forma, apresenta-se três temporalidades distintas e indissociáveis que afastam-se da perspectiva de uma clínica que investiga o passado enquanto um plano estático para apresentar um tempo de ficcionalização do tempo próprio do sujeito.

Palavras-chave: Tempo; Inscrição; Criação; Repetição; Psicanálise

ABSTRACT

The present work performs a theoretical-conceptual analysis of the different temporal modalities present in Freud's works. For this, a reading that recognizes three temporal movements was systematized. The time of the inscriptions that found and build a psychic apparatus, remodeling a past that becomes current. The time of repetitions, always current and without representation, expressed through the compulsion to repetition, whose functioning is linked to the concept of death drive. The time of creations present in psychic functions of fantasy and mourning, in poetic materials and in the clinic itself, which point to the fiction of a future time. Thus, we present three distinct and inseparable temporalities that move away from the perspective of a clinic that investigates the past as a static plane to present a time of fictionalization of the subject's own time.

Keywords: Time; Inscription; Creation; Repetition; Psychoanalysis

RÉSUMÉ

Le présent travail effectue une analyse théorico-conceptuelle des différentes modalités temporelles présentes dans les œuvres de Sigmund Freud. A cet effet, une lecture a été systématisée qui reconnaît trois mouvements temporels. Le temps des inscriptions qui fondent et construisent un appareil psychique, remodelant un passé qui devient actuel. Le temps des répétitions, toujours actuel et dépourvu de représentation, s'exprime à travers la compulsion de répétition, dont le fonctionnement est lié au concept de pulsion de mort. Le temps des créations présent dans les fonctionnalités psychiques du fantasme et du deuil, dans les matériaux poétiques et dans la clinique elle-même, qui renvoient à la fiction d'un temps futur. De cette façon, trois temporalités distinctes et inséparables sont présentées qui s'éloignent de la perspective d'une clinique qui étudie le passé comme un plan statique pour présenter un temps de fictionnalisation du propre temps du sujet.

Mots-clés : Temps; Inscription; Création; Répétition; Psychanalyse

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO A PROBLEMÁTICA	11
2	TEMPO E INSCRIÇÃO.....	21
2.1	O TEMPO DESCONTÍNUO DA CONSCIÊNCIA.....	24
2.1.1	Reorganização e descontinuidade na primeira tópica psíquica.....	24
2.1.2	A primeira tópica psíquica subsiste em 1925.....	33
2.2	ATEMPORALIDADE DO INCONSCIENTE.....	38
2.3	<i>A POSTERIORI</i>	41
2.3.1	Caso Katharina.....	44
2.3.2	Caso Emma.....	46
2.3.3	Homem dos Lobos.....	49
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
3	TEMPO E REPETIÇÃO	60
3.1	LEMBRAR, REPETIR, PERLABORAR.....	60
3.2	O TEMPO INFAMILIAR.....	64
3.3	TEMPO ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER.....	72
3.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
4	TEMPO E CRIAÇÃO.....	79
4.1	O TEMPO DA FANTASIA.....	80
4.2	SOBRE A TRANSITORIEDADE.....	85
4.3	ANÁLISE FINITA E INFINITA.....	89
4.4	CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE.....	93
4.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
5	TEMPO FINITO: CONCLUSÕES INFINITAS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	106

APÊNDICE A - LISTA DE FIGURAS.....	109
---	------------

1 INTRODUÇÃO A PROBLEMÁTICA

A temática do tempo sempre esteve presente no cotidiano de nosso percurso civilizatório. Antes da invenção de qualquer tecnologia para representar a sua passagem, a humanidade orientava a sua organização por meio de aparentes repetições de fenômenos da natureza. O céu e seus astros, os ritmos do rio e do mar, o fogo que dura e apaga... Essas sequências repetitivas foram utilizadas para “[...] harmonizar as atividades dos homens e para adaptá-las a processos que lhe eram externos” (ELIAS, 1998, p. 8), como o plantio, a caça e a proteção. Esse olhar para o céu e para as repetições advindas na natureza conduziram o ser humano para a busca de sua origem e da origem do universo. Como consequência dessa busca, dispara-se a criação de saberes para uma organização civilizatória como as mitologias, religiões, filosofias e ciências. Ou seja, principalmente na tradição ocidental, o tempo passa a reger qualquer tipo de contrato entre os homens. No início das marcações de tempo, haviam as repetições.

A partir desses recursos, tentamos, enquanto sociedade, representar o tempo através de uma geometria métrica espacial (SERRES, 1999, p. 82), reduzindo-o a símbolos e imagens: o relógio, o calendário, as datas religiosas, a linha do tempo, a flecha lançada, o círculo, a espiral, a máquina... Mas o que sabemos sobre essa abstração que nos rege enquanto civilização e se evidencia em diversas materialidades?

Santo Agostinho, em suas *Confissões* (1984), entende que o tempo é uma criação do homem para dar conta das coisas que passaram, passam e passarão. Em outras palavras, o tempo foi criado para dar conta de uma passagem sucessiva de acontecimentos que se engajam em um antes, agora e depois. Entretanto, só conseguimos nomear a passagem do tempo através de aparentes repetições, enquanto o tempo, por si próprio, carece de nome ou representação. Nesta mesma obra, Santo Agostinho, ao falar sobre o tempo, sinaliza essa impossibilidade de defini-lo: “O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei

[...]" (AGOSTINHO, 1984/2008, p. 111).

Por muitos séculos, os estudos sobre o tempo, na história do Ocidente, restringiam-se ao domínio da física moderna objetivista – cujo principal expoente é Newton (1643-1727) – e de algumas correntes filosóficas que, juntos, afirmaram uma “recusa ao tempo” (GONDAR, 1996). A ciência moderna objetivista refere-se a um tempo absoluto que somente se distingue de outros objetos existentes por não ser perceptível espacialmente. Em outras palavras, os postulados científicos da simplicidade do objeto científico e do ideal do saber absoluto, impediram a ciência clássica de considerar o tempo enquanto um problema complexo. A tradição filosófica hegemonicamente platônica e aristotélica¹, por sua vez, recusa o tempo ao proferir verdades que seriam supostamente absolutas e eternas (GONDAR, 1996)².

Convocamos a psicanálise para essa investigação por entender que “[...] a psicanálise se constituiu historicamente tendo como um de seus referentes o campo da filosofia do sujeito [...]” (BIRMAN, 1997, p. 4). A psicanálise, bem como o sujeito, são frutos da modernidade. E Freud traz aportes indispensáveis para pensar o sujeito moderno e, conseqüentemente, a relação de equivalência entre tempo e verdade.

Em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917/2014), Freud apresenta um grande rompimento com essas tradições ao assinalar o seu golpe junto a outros dois grandes golpes ao narcisismo humano: a não centralidade da Terra

¹ Platão, Aristóteles e seus seguidores, que dominaram o pensamento ocidental por mais de 2000 anos, privilegiavam a extração de uma verdade imutável e universal de tudo o que muda e que passa (GONDAR, 1996, p. 70). Platão afirma isso em sua obra *Timeu-crítias* (2011) quando afirma que o tempo é uma imagem móvel da eternidade, “[...] uma cópia imperfeita de uma ideia perfeita” (GONDAR, 1995, p. 3). Aristóteles em *Física* (2013), por sua vez, desloca o tempo de um mundo ideal perfeito e subordina-o ao movimento, creditando ao tempo o lugar do número do movimento segundo o antes e o depois. E, dessa forma, também subordina-o a uma medida, um intervalo, sendo que a distinção entre o antes e depois, de contar, fica a cargo da *alma*.

²À esse respeito, Gondar afirma: “[...] a questão filosófica primordial consiste em extrair, daquilo que muda e passa, o que permanece estável e imutável. [...] Em Platão o tempo é uma imagem móvel da eternidade; é uma cópia imperfeita de uma ideia perfeita. [...] É certo que em Aristóteles não existe mais um mundo supra terreno de ideias puras; as essências não pairam sobre a nossa realidade, mas dela devem ser extraídas. Porém, é ainda a mesma motivação de recusa do tempo que permanece. O tempo deixa de estar submetido a uma ideia perfeita para tornar-se subordinado ao movimento” (GONDAR, 1995, p. 3).

no universo, exposto por Copérnico; a proximidade do ser humano aos demais animais, assimilada pelos estudos evolucionistas de Darwin; e, por último, a importância psíquica da sexualidade e do inconsciente na vida psíquica, colocadas pela psicanálise. Em outras palavras, a vida psíquica desloca-se da consciência para os registros inconscientes e da pulsão (BIRMAN, 1997, p. 7). Considerando a existência destes últimos registros do sujeito, podemos deduzir a questionabilidade da “[...] coesão ilusória do homem e dos saberes que este é capaz de construir” (GONDAR, 1996, p. 72). Implodindo, portanto, junto a Copérnico e Darwin, a categoria do infinito, absoluto e eterno. Dessa maneira, garantindo ao ser humano e a toda condição subjetiva, o estatuto da parcialidade e finitude. Através da afirmação de que nada permanece idêntico ou imutável no campo da produção subjetiva, a metapsicologia freudiana reconhece a existência da dimensão do tempo nos sujeitos e nos saberes.

Esse golpe apresenta-se enquanto um rompimento à categoria do infinito do saber clássico. O que Freud (1917/2014) considera ilusório é a eternidade, e não o tempo. Não é originalidade freudiana apontar a ilusão da eternidade, pois isso já havia sido feito por Kant ao apontar a impossibilidade de conhecermos a “coisa-em-si”. Mas Freud traz um rompimento epistemológico ao considerar a condição de que,

“[...] se nenhum saber pode ter a pretensão a um conhecimento completo, não é apenas porque o real não pode ser esgotado no simbólico, mas porque o homem desconhece o próprio desejo que o move; nesse desejo residiria a verdade, como um próprio do homem que é, em si mesmo, incognoscível” (GONDAR, 1995, p. 9).

Portanto, esse não reconhecimento do inconsciente torna-se condição de sua própria história. Esse não saber crava uma fratura em que o sujeito da psicanálise se encontra. E é, justamente, nesta fratura que o tempo está, dado que o sujeito não participa nem de seu início e nem de seu fim. Neste mesmo sentido, o tempo torna-se não representável, assim como o nascimento e a morte (GONDAR, 1996). O não saber gerado pela questão do tempo é, assim, condição indispensável para a psicanálise, pois nunca será apreendido completamente.

Esse saber não interessa à psicanálise enquanto uma concepção abstrata e quantificável, mas somente emerge enquanto questão na medida em que interpela o sujeito e participa de seu esfacelamento. Assim, o tempo só passa a ser questão para a psicanálise de Freud “[...] quando o sujeito está em questão, ou melhor, quando através do tempo o sujeito pode ser posto em questão” (GONDAR, 1995, n.p.).

O tempo se configura enquanto nosso interesse principal de investigação neste trabalho. Mas não o tempo enquanto concepção abstrata que a física e a filosofia se deparam e utilizam enquanto objeto de trabalho. E sim o tempo manifesto na clínica, através do inconsciente. Nessa direção, apresentamos algumas inquietações que nos servirão de guia nesse caminho. Por que estudamos o tempo? Por que preferimos a questão do tempo em preterimento a outras tantas questões e desafios que nos são colocados pela psicanálise e pela prática clínica?

É evidente que a temporalidade está presente no processo analítico: na duração da sessão, na duração do tratamento, no silêncio, no atraso e na pontualidade, na linguagem, na transferência, no inconsciente, na memória, na repetição, entre outras relações postas na clínica. Entendemos que a problemática do tempo passa a ser uma questão para o campo psicanalítico, na medida em que também deve lidar com a existência predominante de um tempo que pautem um desenvolvimento linear e progressivo. Um tempo que constitui referências que esmagam o sujeito, por sua determinação ofuscante, e aniquilam a possibilidade de produção de uma outra história com seus desvios e seus semblantes.

Para o saber psicológico, a temporalidade emerge enquanto problemática na medida em que constitui e rege normativas ao longo do desenvolvimento de um indivíduo. Dessa forma, o estudo acerca da temporalidade fica condicionado, prioritariamente, ao campo da Psicologia do Desenvolvimento. De acordo com Papaglia (2013), o que está em questão para esse campo da psicologia é o desenvolvimento harmônico do indivíduo que envolve as dimensões: biológicas, cognitivas, afetivas ou sociais.

Esse saber ganha consistência junto à preocupação com o infante e a subsequente criação da infância enquanto etapa de um desenvolvimento humano. A partir do estudo dessa fase de desenvolvimento que o campo passa a ampliar o seu interesse para todos os processos envolvidos no desenvolvimento. Caracterizando-se enquanto um estudo de mudanças que ocorrem na vida dos indivíduos, ou até de como elas permanecem iguais, do período de seu nascimento ao período de sua morte. A temporalidade se inscreve desse modo na psicologia do desenvolvimento. Para esse saber, o tempo é apenas uma escala e não uma variável psicológica.

As mudanças que ocorrem ao longo do desenvolvimento são adaptativas, sistemáticas e organizadas. Adaptativas, pois respondem a situações internas e externas ao indivíduo que precisa se adaptar às mudanças de maturação orgânica, de bases genéticas e de influência do ambiente. Portanto, a especificidade da psicologia do desenvolvimento humano está em estudar essas variáveis provocadoras de mudanças no ser humano em períodos de transição rápida (infância, adolescência e envelhecimento). O acompanhamento do indivíduo ao longo do tempo torna-se fundamental, pois é do interesse desse campo de estudo o controle das múltiplas variáveis que alteram um desenvolvimento normal.

É claro que esse campo de saber considera um desenvolvimento normal passível de sofrimento, de mudanças e alterações ao longo de seu percurso. Entretanto, esse desenvolvimento não considera a existência de restos e de parcialidades, mas um funcionamento que aparentemente aponta para uma eficiência plena. Essa eficiência tem como fundamento o funcionamento consciente lógico, racional, configurado pela cultura ocidental moderna. E é assim interpretado como uma tendência universal. Em outras palavras, desconhece o inconsciente e as singularidades próprias a cada subjetividade.

Em algumas tentativas de extrair uma teoria do tempo em Freud, alguns pós-freudianos interpretaram a teoria acerca da sexualidade humana expressa nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/2016) em

uma perspectiva desenvolvimentista, mas isso não se confirma ao longo da obra freudiana. Nesse mesmo texto, a sexualidade infantil e o seu desenvolvimento organizam-se em diferentes estádios. Cada estágio exige a predominância de um determinado componente libidinal que daria um modo de satisfação. Há uma sucessão temporal sim, mas não cronológica. Ela progride, mas as fixações libidinais, experiências prazerosas que marcam o corpo, embora inscritas na sucessão, permanecem atuais. Dessa forma, postula um passado que se faz presente mesmo no futuro.

Assim, nos afastamos de uma perspectiva em que o desenvolvimento é linear, progressivo e dividido em fases, e a interrupção de seu tempo contínuo e permanente configure atraso, para considerar um processo de subjetivação em que o passado coabita no presente, onde o tempo localiza-se na própria subjetividade, não estabelecendo relação de exterioridade.

Se consideramos o tempo cronológico em uma relação de equivalência com o tempo do sujeito, submetemos também o indivíduo às atuais condições sociais e históricas no Ocidente. Em outros termos, o submetemos também a um regime de aceleração de um tempo impulsionado pelas novas tecnologias sociais e culturais que vivemos enquanto sociedade. Isso indicaria que estaríamos promovendo uma certa “naturalização” das formas temporais da atualidade e, também, como consequência, novas formas de sofrimento na atualidade: a proliferação dos transtornos de ansiedade, os novos modos de se agenciar com as tecnologias e os redimensionamentos dos processos de subjetivação. Enfim, tudo isso que entendemos ser evidenciado e se tornar matéria de trabalho para a clínica.

Se não trabalhamos com o tempo cronológico na clínica psicanalítica, trabalhamos com qual? Daqui em diante, propomos um caminho que levante essa problemática: à qual tempo o sujeito responde? Qual o tempo ou os tempos do sujeito?

O sujeito que tratamos na psicanálise é o sujeito do inconsciente. É um sujeito que, por ser constituído e modulado por um outro, atesta a existência e

influência produtiva de um tempo cronológico. O tempo cronológico constitui-se enquanto referência para o sujeito, inscreve marcos em sua história de vida e o situa no laço social. É em referência a esse tempo que ele pode situar um tempo simbólico, um tempo da linguagem, que lhe arrebatava antes mesmo que ele possa percebê-lo enquanto tal. Cabe afirmar que, se o sujeito da psicanálise interroga em alguma medida o sujeito moderno, pensaremos como a subjetividade fundada pelo inconsciente responde e produz outras temporalidades frente a esse tempo colocado.

Logo quando abrimos o primeiro volume da edição inglesa de James Strachey (1966) das obras completas de Sigmund Freud, traduzida para o português e publicada no Brasil pela editora Imago, percebemos alguns dos primeiros desafios do editor diante da tarefa de organizar as obras. O primeiro desafio que se faz pertinente a este trabalho é: “[...] deveria o material ser ordenado segundo um critério classificatório ou um critério cronológico?”³. Em outras palavras, organizar a construção de um pensamento de toda uma vida pelas conexões do sentido ou pela sucessão cronológica dos acontecimentos e dos escritos? Diante desse impasse, o editor optou por uma conciliação entre essas duas vias. A cronologia aparece em primeiro plano, mas sai de cena quando o autor acrescenta os adendos anos após a data do escrito e quando ele próprio agrupa seus artigos dentro de um contexto temático com diferentes datas⁴. Além disso, somente temos segurança das datas de publicação dos artigos, pois não sabemos a data do início ou finalização da escrita de alguns. O segundo desafio seria a fidedignidade das edições feitas após as publicações originais, estas últimas editadas sob a supervisão direta de Freud. À medida que o tempo passava, as mãos revisoras também passavam, a linguagem se transformava e os erros e derivações da publicação começavam a aparecer. O tempo criando e modificando o que parecia estabelecido.

³ Citação encontrada na página 20 do prefácio, escrito no ano de 1966, ao primeiro volume da Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Esse volume foi organizado sob o título de *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1899).

⁴ Temos como exemplo os *Artigos sobre a técnica* (1911-1915).

Atualmente não contamos somente com essas edições traduzidas do inglês pela editora Imago enquanto fonte bibliográfica. Privilegiamos traduções diretas do alemão, como a da editora Companhia das Letras, traduzidas por Paulo César de Souza, e, principalmente, as *Obras Incompletas*, da editora Autêntica. Esta última edição se afasta da dicotomia a respeito de toda bibliografia produzida por Freud entre “obras de estudos” e “obras publicadas pelo próprio autor”, provocando estranhamento às taxonomias consagradas pelas tradições de escolas e editores. E, também, respeita vocabulários adotados pela comunidade brasileira estudiosa da psicanálise, com as devidas substituições, considerando as diferenças sintáticas⁵. Para a finalidade deste trabalho, preservamos as notas⁶ do tradutor para o inglês a respeito dos textos freudianos e seu questionamento acerca do processo de tradução e organização de uma materialidade já escrita.

Já de antemão, assumimos dois direcionamentos: a linearidade da cronologia que não cabe ao sujeito e à produção de subjetividade, mas obriga um posicionamento subjetivo, assim como a potência do tempo em inventar e transformar a instância que chamaremos, por agora, de passado.

Dentro da teoria freudiana, destaca-se uma de suas poucas afirmações, feita pelo negativo, sobre a concepção de tempo na psicanálise: a atemporalidade do inconsciente “[...] *Zeitlos* no alemão significa, literalmente, *sem tempo*” (GONDAR, 1995, p. 8). Freud, pelo próprio caráter de sua teoria, não se prolonga em direção a uma definição do termo, pois isso significaria definir um conceito a despeito de qualquer mudança. Dessa forma, entende-se que, para a psicanálise, o tempo não possui representação. O tempo pode não ter sido pensado por Freud, mas nos propomos neste trabalho, junto a Gondar (1995), pensar o tempo a partir de Freud. Podemos pensá-lo na finitude enquanto afirmação básica da psicanálise, no papel fundamental da memória no qual se

⁵ Metodologia sugerida pelo psicanalista, coordenador da tradução de parte das obras completas para a editora brasileira Autêntica, Gilson Iannini, que privilegia a organização dos textos em livros pelos importantes eixos conceituais presentes nas obras freudianas.

⁶ Ressaltamos aqui a relevância das notas explicativas da tradução de James Strachey das Obras Completas de Sigmund Freud para a edificação de um campo de saber psicanalítico, entendendo as notas enquanto resultado expressivo de um estudo apurado de um trabalho de tradução.

inscrevem os registros do aparelho psíquico, em todas as produções inconscientes e na própria repetição, motor do trabalho sobre as pulsões.

Assim, mesmo que Freud nunca tenha se comprometido a definir o conceito de tempo, tal conceito e sua relação essencial com a formação do aparelho psíquico e o funcionamento inconsciente aparecem, diretamente e indiretamente, esparsamente ao longo de toda a sua obra, privilegiando o trato de outras questões. Essa temática já é explorada nas produções acadêmicas, sendo o nosso trabalho parte de um contexto que nos possibilitará outros diálogos e nos auxiliará em nossa análise e escrita. À vista disso, para realizar esse passeio pela teoria freudiana em busca de sistematizações e indicações de alguma conceituação temporal, convocamos a autora Jô Gondar para nos indicar caminhos de encontro a essas pistas conceituais. Em seu livro *O tempo em Freud* (1995), Gondar anuncia não uma única temporalidade na teoria freudiana, mas *modalidades temporais do sujeito*:

“[...] função do tempo na produção do sujeito, [...] ao invés de um sujeito dado que poderia perceber o tempo desta ou daquela forma, teremos um sujeito que só se constitui a partir de certos modos de articular o antes e o depois, isto é, a partir de algumas modalidades de organização temporal (GONDAR, 1995, n.p.).

Concordamos com Gondar (1995) quanto à proposta de pensar “modos” de articular o antes e o depois e “modalidades” temporais, pois entendemos que o aparelho psíquico, dividido em instâncias distintas e delimitadas, possui um funcionamento heterogêneo, sendo impossível pensar uma temporalidade única e coesa do sujeito da psicanálise.

Dessa maneira, em nosso primeiro capítulo, abordamos a temporalidade da Consciência e do Inconsciente, suas interferências e diferenciações de funcionamentos, em sua relação com as inscrições psíquicas que fundam e constroem o aparelho anímico. Ademais, retomamos alguns fragmentos de casos clínicos de Freud para melhor exemplificar o mecanismo *a posteriori* de funcionamento do recalque e, assim, de todas as produções inconscientes. Portanto, tratamos de um tempo constitutivo expresso nas inscrições psíquicas, que agem revisitando e remodelando o passado. Um tempo do passado, mas

não menos atual do que o presente ou o futuro.

Já no segundo capítulo, nos detivemos na temporalidade das pulsões em jogo na repetição e na compulsão à repetição, que apontam para algo de *(in)familiar*. Abordamos a repetição em três textos que nos indicam as pistas para um funcionamento do psiquismo diferente das inscrições inconscientes. Iniciamos pelo momento em que Freud percebe a repetição enquanto uma tentativa de rememoração não tão bem sucedida do sujeito, passamos pelo desconforto de presenciar algo de íntimo que impera enquanto assustador e chegamos no plano de fundo por detrás da repetição, no qual encontramos um funcionamento além do princípio de prazer impelido pela pulsão de morte. Assim, lidamos com um tempo próprio da repetição, que presentifica continuamente algo que não foi representado. A repetição aponta para um tempo sempre atual. Um tempo do presente.

Por fim, no terceiro capítulo, nos referenciamos nas construções possíveis acerca de um porvir, demonstradas nos produtos psíquicos, estéticos e na própria clínica psicanalítica. Encontramos nos funcionamentos das fantasias, dos escritos literários, no luto e na análise, pistas para pensar um porvir, um tempo futuro dentro da teoria psicanalítica.

Apesar da sistemática adotada neste trabalho de relacionarmos os tempos passado, presente e futuro com os movimentos de inscrição, repetição e criação, esses tempos e movimentos do psiquismo são inseparáveis e, assim, interdependentes. Logo, assumem posições e funcionamentos diferentes, mas funcionam através de remodelações e interferências entre si. Sendo assim, são condições de possibilidade de existência um para com o outro.

2 TEMPO E INSCRIÇÃO

A proposição freudiana acerca do aparelho psíquico geralmente é pensada em termos espaciais por meio das tópicas freudianas. Freud (1940 [1938]/1975) designa um caráter extenso ao aparelho psíquico, no qual enxerga a “forma a priori” do espaço, característica herdada da filosofia kantiana. Apresenta essa ideia no seu texto *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]/1975), no qual considera a espacialidade como a projeção do caráter extenso do aparelho psíquico, afirmando que a psique é extensa, mas desconhece tal informação.

Entretanto, esse espaço ao qual Freud se refere não é o mesmo espaço da física clássica ou da geometria. Em seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2019), ao retomar algumas ideias sobre o funcionamento psíquico presentes no *Projeto de uma psicologia científica* de 1895⁷, nos apresenta a primeira tópica psíquica. Para melhor compreensão do leitor, Freud (1900/2019) nos adverte sobre a possível confusão entre uma localidade psíquica proposta com uma suposta localidade anatômica:

A ideia que nos é apresentada é a de uma *localidade psíquica*. Deixemos de lado que o aparelho psíquico em questão também nos é conhecido como preparado anatômico e evitemos ceder à tentação de determinar a localidade psíquica (FREUD, 1900/2019, p. 586).

Em uma tentativa de pensar os vários modos e graus da distribuição do desejo, sugere uma tópica psíquica, sendo que os lugares aos quais se refere na tópica não são lugares físicos e anatômicos, mas metáforas para a designação de lugares psíquicos. Freud (1900/2019) lança mão de algumas analogias que comparam o aparelho psíquico ao aparelho ótico, recorrendo ao esquema do arco reflexo e até mencionando a estrutura anatômica do sistema nervoso. Contudo, exclui qualquer possibilidade de lugares de correspondência físicos, anatômicos ou neurológicos:

A localidade psíquica corresponde, então, a um lugar dentro de um aparelho em que um dos estágios preliminares da imagem se forma. Como sabemos, no caso do microscópio e do telescópio esse lugar corresponde, em parte, a localidades ideais, a regiões em que não se

⁷ No capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos (Traumdeutung)*, de 1900, a temática do *Projeto* de 1895 é retomada de uma outra forma. A energia postulada no *Projeto* dá lugar ao desejo e às ideias investidas na *Interpretação dos Sonhos*, perdendo, neste último texto, o referencial neurofisiológico.

acha nenhum elemento concreto do aparelho (FREUD, 1900/2019, p. 586).

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/2019) utiliza a metáfora do aparelho psíquico como um microscópio composto ou um aparelho fotográfico. A escolha desses instrumentos encontra embasamento na produção de representações ideais realizada pelo aparelho psíquico da mesma forma que as imagens não se dão sobre os componentes físicos dos aparelhos óticos, mas se dão entre suas lentes. Assim, as representações e demais produtos psíquicos não podem ser localizados em nenhum elemento orgânico do sistema nervoso, mas entre eles:

Podemos evitar um possível abuso desse modo de apresentação se lembrarmos que representações, pensamentos, formações psíquicas em geral não devem jamais ser localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, e sim, digamos, *entre eles*, onde resistências e vias facilitadas formam seus correlatos. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual*, como a imagem produzida no telescópio pela passagem dos raios de luz. Mas é legítimo supor a existência dos sistemas, que em si não são nada psíquicos e jamais se tornam acessíveis à nossa percepção psíquica, como as lentes do telescópio que lançam a imagem (FREUD, 1900/2019, p. 664).

Caracterizada a localidade a qual se refere, Freud (1900/2019) também nos adverte sobre o risco de preterir o tempo em função do espaço ao considerarmos um aparelho psíquico:

Assim, imaginemos o aparelho psíquico como um instrumento composto, cujos componentes chamaremos de *instâncias* ou, por amor da expressividade, *sistemas*. Depois esperaremos que esses sistemas possam manter uma relação espacial constante entre si, como, por exemplo, os vários sistemas de lentes de um telescópio são dispostos um atrás do outro. A rigor, não há necessidade da hipótese de supor uma ordenação realmente *espacial* dos sistemas psíquicos. Basta que se estabeleça uma ordem fixa, na qual, em certos processos psíquicos, os sistemas sejam percorridos pela excitação em determinada sequência *temporal*. Em outros processos, a sequência pode sofrer uma alteração; vamos manter em aberto essa possibilidade (1900/2019, p. 587).

O importante na tópica freudiana não seria a posição que as instâncias ocupariam no espaço, mas a diferenciação qualitativa dos lugares. Um modelo tópico e não espacial. Uma localização que garantiria as diferentes organizações e a direção do funcionamento das instâncias psíquicas. Em outras palavras, se cada sistema tem seu próprio modo de funcionamento com diferentes

envolvimentos com a dimensão do tempo, assim podemos presumir que a diferenciação se daria através do regime temporal ao qual cada instância estaria submetida. De tal forma, Freud propõe que pensemos a organização psíquica sob a ótica de seu funcionamento e temporalidade.

É sabido que Freud não se prolongou em construir uma teoria própria acerca do tempo. Embora, segundo Gondar (1995), em seu livro *Os tempos de Freud*, existam citações em momentos distintos de sua obra em que a temática do tempo é apresentada de modo explícito em duas direções.

A primeira direção é abordada pelo seu negativo, através da atemporalidade dos processos inconscientes “[...] contestando um famoso teorema kantiano a partir das descobertas psicanalíticas” (GONDAR, 1995, p. 29). A segunda direção é apresentada sob seu aspecto positivo, afirmando, de forma mais esparsa, um funcionamento *a posteriori* do inconsciente. A direção abordada pelo aspecto negativo é mais conhecida do que a outra e ganha maior relevância nos estudos do campo psicanalítico, entretanto, “[...] trata-se de uma mesma teoria, ainda que enunciada de maneiras diversas” (GONDAR, 1995, p. 29). Quer dizer, Freud não constrói uma teoria antitética, mas refere-se à segunda teoria ao postular a primeira. Ao mesmo tempo em que afirma a atemporalidade dos processos inconscientes, desenvolve as suas elaborações quanto às primeiras inscrições de satisfação sexual, constituintes do sistema inconsciente, que, ao se vincularem às experiências atuais, tornam-se também atuais.

Trataremos, portanto, nos próximos itens, de ambas as direções que admitimos existir na proposição temporal acerca do inconsciente. Abordaremos, também, as outras modalidades temporais presentes no funcionamento do aparelho psíquico, como aquelas em jogo na consciência. Considerar essa outra instância não significa assumir outras vias além das citadas acima, mas indicar que esse funcionamento está em relação com os processos inconscientes.

Tendo isso em vista, passaremos, neste capítulo, pela representação que fazemos do tempo decorrente do funcionamento do sistema percepção-consciência; pela atemporalidade dos processos inconsciente; mas,

também, pela lógica temporal retrospectiva, na qual veremos o funcionamento *a posteriori* do inconsciente.

2.1 O TEMPO DESCONTÍNUO DA CONSCIÊNCIA

2.1.1 Reorganização e descontinuidade na Primeira tópica psíquica

Desde seu texto sobre as afasias, Freud (1891/2016) já vinha elaborando um aparelho psíquico concebido enquanto um aparelho de memória e de linguagem. Não há relação de anterioridade do aparelho em relação à memória ou à linguagem. A ideia de *lugares psíquicos*, que também vinha sendo elaborada desde este texto sobre as afasias (Ibid.), culminará no que fora denominado como primeira tópica na teoria freudiana.

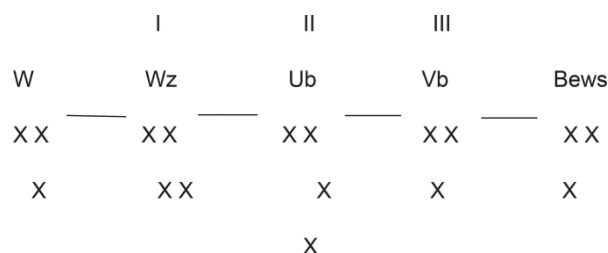
Na carta enviada a Fliess, denominada *Carta 52*, Freud (1896/2019), logo de início, já anuncia que o aparelho psíquico é fundamentalmente um aparelho de memória. Nessa mesma carta, Freud (1896/2019) constata um tipo de funcionamento temporal da consciência, sistema percepção-consciência (Pcp-Cs), que compreende o aparelho psíquico. A partir da lógica deste sistema, aparece um outro tipo de funcionamento caracterizado por um movimento de remodelamento e retranscrição dos traços de memória pelos seus registros ordenados temporalmente. Isto é, um traço é revisitado e retranscrito pelos registros do aparelho.

Freud elabora um esquema com diferentes registros que estão separados, não topograficamente, mas pela diferente funcionalidade de seus neurônios. Entre percepção e consciência temos o funcionamento do aparelho psíquico, ou de memória⁸. Esboça, portanto, uma figuração utilizada para atender sua demanda

⁸ Apesar de ter sido primeiramente elaborado em 1896, esse esquema estará presente, de maneira implícita, na última parte de seu artigo de 1915, "O Inconsciente". Neste escrito posterior, Freud sugere que separemos a representação-de-objeto, a ideia consciente que temos do objeto, em representação-de-palavra e representação-de-coisa. Se tomarmos o modelo da *Carta 52* (1896/2019), estas últimas correspondem às lembranças conceituais situadas no registro Ub, ou inconsciência.

momentânea, conforme a figura abaixo:

Figura 1



Fonte: *Carta 52* (FREUD, 1896/2019).

Nesse primeiro esquema, Freud divide o aparelho psíquico em três registros⁹ (*Niederschriften*) a fim de conciliar as funções da memória e da percepção, já que a primeira exige uma fixação e a segunda é instantânea, uma apreensão do instante.

No esquema, temos *W* (*Wahrnehmungen*)¹⁰, que seriam os neurônios que originariam as *Percepções*, que a consciência se liga, mas não conservam nenhum traço de memória do que aconteceu, uma vez que a consciência e a memória são, ambas, independentes.

O primeiro registro, representado por *Wz* (*Wahrnehmungszeichen*) é a indicação da percepção. Em outras palavras, refere-se aos signos de percepção, incapazes de se associar a consciência e dispostos em associações por simultaneidade.

O segundo registro, *Ub* (*Unbewusstsein*), é o da inconsciência, que se organiza por relações causais e seus traços talvez correspondam a lembranças conceituais. Assim como o primeiro registro, não tem acesso a consciência.

O terceiro registro, *Vb* (*Vorbewusstsein*), pré-consciência, ligado às representações verbais, representação da palavra, corresponde à instância do eu. A instância da pré-consciência é uma:

[...] *consciência secundária do pensamento* é algo da ordem da posteridade [*nachträgliches*], no que diz respeito ao tempo, provavelmente ligado à reanimação alucinatória de representações de palavra, de modo que os neurônios da consciência seriam novamente

⁹ Essa figura configura-se como um esboço para os quadros esquemáticos encontrados no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, que trabalharemos a seguir.

¹⁰ Correspondentes aos neurônios ϕ do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895).

neurônios da percepção e, em si, sem memória (FREUD, 1896/2019, p. 36).

E, por último, temos a abreviação *Bews*¹¹ (*Bewusstsein*), referente à consciência, composta por neurônios perceptivos e desprovidos de memória.

Dessa maneira, os sucessivos registros (*Wz*, *Ub* e *Vb*), conquistas psíquicas de fases também sucessivas da vida, representam a realização psíquica de momentos sucessivos da vida. Nos limites entre essas épocas ocorreria a tradução do material psíquico. Ou seja, o que estava inscrito num registro anterior é traduzido para o outro registro seguinte e “cada escrita sobreposta posterior inibe a anterior e desvia seu processo excitatório” (FREUD, 1896/2019, p. 37).

Portanto, Freud estabelece a estratificação dos processos psíquicos. O material da memória sofreria uma espécie de reorganização/reescrita posterior:

[...] trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de tempos em tempos, o material presente na forma de traços mnêmicos sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações (FREUD, 1896/2019).

Ou seja, há traços que são reescritos posteriormente em função de novas experiências, de acesso a outro grau de desenvolvimento. E há, também, determinada região em que ainda persistem os *fueros* (FREUD, 1896/2019), as sobrevivências de material. Uma falha da tradução: o processo de recalçamento. O recalque ocorre por causa do desprazer gerado por um processo de tradução que acaba por impedir o próprio processo. Dentro de uma mesma fase psíquica, ou registros da mesma espécie, forma-se uma defesa *normal*, enquanto a defesa contra um traço de memória anterior não traduzido configura-se como *patológica*.

Se uma lembrança recorrente envolve um alto nível de desprazer, o seu registro mnêmico possui um meio de reduzir o desprazer na medida em que a lembrança é rememorada. Esse tipo de defesa é ineficaz nos eventos sexuais, visto que a quantidade de excitação que eles causam muda à medida que o desenvolvimento sexual ocorre. Pois, quando as lembranças de experiências

¹¹ Correspondem aos neurônios *w* do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895).

sexuais ocorrem, se comportam como atuais, não passíveis de inibição, produzindo um novo estímulo de desprazer. A defesa patológica (recalcamento) configura-se, portanto, em um cenário de um evento sexual que supostamente ocorreu em uma fase anterior.

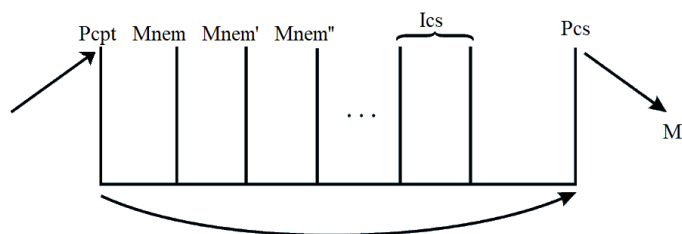
No entanto, nem todos os eventos sexuais são por natureza desprazerosos. Freud (1896/2019), pelo contrário, afirma que esses eventos são em sua maioria prazerosos. Quando produzem o desprazer, há o recalcamento, e quando produzem prazer, há a *compulsão* [Zwang] (FREUD, 1896/2019, p. 38). A compulsão, por sua vez, quando lembrada em diferentes fases, passa a adquirir o caráter de desprazer em algumas pessoas e continua como compulsão em outras pessoas. No primeiro caso, um desprazer é liberado em uma fase posterior.

Apesar de Freud ainda não ter formulado a existência de um sistema inconsciente, esses movimentos de reorganização das inscrições, recalcamento e compulsão já anunciam uma concepção de temporalidade e causalidade psíquica inconsciente. Reiteramos que o lugar de cada sistema não é o mais importante do aparelho, mas a posição relativa que cada um mantém com o outro e com os demais. O conjunto dos sistemas tem uma direção progressiva-regressiva de funcionamento, anunciando desde já uma possível temporalidade do aparelho psíquico, iniciada a partir de estímulos, tanto internos quanto externos, e terminando em uma descarga motora.

A partir dessa formulação do aparelho psíquico, Freud irá reeditá-lo, sobretudo em seu livro sobre *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019). A representação final de um aparelho psíquico é elaborada por Freud (1900/2019) no Capítulo 7 do referido livro. Desde suas primeiras conceituações sobre a elaboração onírica, Freud (1900/2019) havia salientado a existência de uma instância responsável por excluir da consciência a atividade de outra instância. A instância criticante se localizaria, portanto, na extremidade motora, por sua estreita relação com a consciência (a instância criticada). Esta instância se afirma também como responsável pelas ações voluntárias e conscientes. Freud (1900/2019) substitui essas instâncias por sistemas e chega à representação

final do aparelho psíquico:

Figura 2



Fonte: *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019).

É a partir dessa representação que o inconsciente deixa de ser uma adjetivação para processos não conscientes e ganha estatuto substantivo, configurando um sistema com uma temporalidade própria. É sabida a irrelevância do lugar espacial que os sistemas ocupam anatomicamente e a importância do funcionamento e da posição relativa dos sistemas em relação aos outros.

Sendo assim, o sistema Inconsciente (Ics) só pode ter acesso à Consciência (Cs) através do sistema Pré-Consciente/Consciência (Pcs/Cs). Por outra forma, o conteúdo do Ics só poderá ser conhecido e alcançado se transcrito, passando por alterações e distorções, pela sintaxe do Pcs/Cs.

É através dos elementos mnêmicos (*Mn*) que os elementos percebidos através do sistema *Perceptivo* (*Pcp*) são associados. Essa associação acontece devido a diminuições na resistência e a novas vias facilitadas [*Bahnungen*]. Assim, a excitação se propaga de um elemento *Mn* mais facilmente para um segundo elemento *Mn* do que para um terceiro elemento.

Entretanto, a excitação transmitida pelos elementos *Pcp* são fixadas de maneiras diferentes nesses vários elementos *Mn* (de maneira análoga aos registros da Carta 52). Nesse sentido, as fixações das associações se dariam pela simultaneidade ou pela similaridade:

[...] não um, mas vários desses elementos *Mn*, nos quais a mesma excitação transmitida pelos elementos *Pcp* é fixada de modos diferentes. O primeiro desses sistemas *Mn* conterá, em todo caso, a fixação da associação pela simultaneidade; nos sistemas mais distantes, o mesmo material de excitação se organizará de acordo com outros tipos de coincidência, de modo que relações de similaridade e outras seriam representadas por esses sistemas posteriores (FREUD, 1900/2019, p. 589).

O sistema *Pcp* fornece para a nossa consciência toda sorte de qualidades sensoriais. De outro modo, as nossas lembranças (inscritas em *Mn*), mesmo as cravadas mais profundamente em nós, são inconscientes. Elas podem um dia se tornarem conscientes, mas produzem seus efeitos mesmo de forma inconsciente. Aquilo que a psicologia comumente denomina enquanto caráter é baseado nos traços mnêmicos de nossas impressões. As impressões que tiveram outrora o efeito mais forte sobre nossa existência, as de nossa primeira infância, são as que raramente se tornam conscientes.

Dessa forma, ao tratar dos processos oníricos, Freud (1900/2019) afirma que os impulsos para a formação dos sonhos advêm do sistema inconsciente. Os processos oníricos, tal como todas as demais formações do pensamento, manifestam uma dedicação em prosseguir no Pré-consciente (*Pcs*). Destarte, o desejo inconsciente se liga a pensamentos oníricos advindos do sistema *Pcs/Cs* e procura uma forma de acesso à consciência em razão da diminuição do trabalho da censura durante o sono. Mas sinaliza que a força propulsora da formação dos sonhos é fornecida pelo *Ics*. Se na vigília, quando um indivíduo se encontra desperto, o processo de excitação percorre a direção progressiva, nos sonhos e em outras manifestações alucinatórias, a excitação percorre a direção regressiva, inversa. Caminha, portanto, no sentido da extremidade sensória para o sistema Perceptivo (*Pcp*), produzindo um reinvestimento de imagens mnêmicas. Freud chama esse caminho reverso de *regressão*.

Essa *regressão* não se dá somente enquanto sonhamos. A recordação em vigília e outros processos constituintes de nosso pensamento dito normal também se manifestam de modo regressivo. Isto é, seguem a mesma direção regressiva da formação onírica “[...] de algum ato complexo de representação para a matéria-prima dos traços mnêmicos a ele subjacentes” (1900/2019, p. 593). Entretanto, no estado de vigília, esse movimento retroativo não vai além das imagens mnêmicas, ou seja, não consegue produzir a alucinação das imagens perceptuais.

No sonho essa alucinação torna-se possível, pois “[...] as intensidades inerentes às representações são transferidas completamente de uma para a outra”

(FREUD, 1900/2019, p. 593). E é essa modificação diferenciadora do processo psíquico habitual que torna possível o investimento do sistema *Pcp* na direção inversa. Dos pensamentos até a plena alucinação sensorial. Em outras palavras, a representação transforma-se de volta na imagem sensorial da qual adveio em dado momento. Assim, “*na regressão, a estrutura [Gefuge] dos pensamentos oníricos é reduzida à matéria-prima*” (FREUD, 1900/2019, p. 594), apesar da direção progressiva da corrente sensorial ininterrupta.

Para outros casos de alucinação, como as presentes nos casos de histeria, paranoia ou até destituídas de uma questão patológica, esses processos alucinatórios são pensamentos transformados em imagens que se encontram intimamente conectados a lembranças, geralmente infantis, reprimidas ou que permaneceram inconscientes. Assim, o pensamento vinculado a ela, e impedido pela censura de se expressar, é [...] arrastado pela lembrança para a regressão, para a forma de representação em que ela mesma tem existência psíquica (FREUD, 1900/2019, p. 596). As vivências infantis ou as fantasias delas derivadas, reaparecem em fragmentos no conteúdo dos sonhos. Ainda, os próprios desejos oníricos são frequentemente derivados delas. Logo, Freud não descarta a probabilidade do sonho ser a realização de um desejo infantil que retorna:

[...] a probabilidade de que também nos sonhos a transformação de pensamentos em imagens visuais seja, em parte, consequência da *atração* que a lembrança representada visualmente, que busca ser reavivada, exerce sobre o pensamento excluído da consciência e que peleja por se expressar. Segundo essa concepção, o sonho poderia ser descrito também como o *substituto de uma cena infantil modificado pela transferência para algo recente*. A cena infantil não consegue realizar sua própria renovação; tem de se contentar com seu retorno como sonho (FREUD, 1900/2019, p. 597).

Não é a lembrança que é atual. A lembrança produz um estado de excitação e é o reavivamento deste estado representado visualmente que se faz atual em seu momento. O desejo realizado no próprio reavivamento visual é o que é presente.

Para tratar desse funcionamento regressivo, Freud (1900/2019) diferencia três tipos de regressão: a) uma regressão *topológica*, no sentido do esquema dos sistemas por ele desenvolvidos, b) uma *temporal*, ao se tratar de um retorno a

formações psíquicas mais antigas, e c) uma *formal*, na medida em que modos primitivos de expressão e representação substituem os habituais. Todavia, todos os três tipos de regressão coincidem em apenas um só na maioria dos casos, “[...] pois a mais antiga é, ao mesmo tempo, a mais primitiva na forma e, na topologia psíquica, a mais próxima à extremidade perceptiva” (FREUD, 1900/2019, p. 599).

Nesse aparelho de funcionamento progressivo-regressivo, Freud (1900/2019) separa dois processos para classificar esses sistemas: o processo primário e o processo secundário. Ambos são originados na infância e atestam as mudanças que nosso organismo psíquico e somático sofreu desde a infância. Os processos primários envolveriam os processos inconscientes e se orientariam pelo princípio de prazer, enquanto os processos secundários envolveriam os processos conscientes e pré-conscientes, submetidos, de certa forma, ao princípio de realidade. Se ambos são originados na infância, o que justificaria a nomenclatura de classificação cronológica?

Se denominei *primário* um dos processos psíquicos do aparelho psíquico, não o fiz apenas considerando a hierarquia e o desempenho, mas também a ordem cronológica. Pelo que sabemos, um aparelho psíquico dotado apenas do processo primário não existe e é, portanto, uma ficção teórica; mas é fato que os processos primários se acham nele desde o início, enquanto os secundários se desenvolvem gradualmente, ao longo da vida, inibindo e sobrepondo-se aos primários, e talvez alcancem o pleno domínio sobre estes apenas no auge da vida (FREUD, 1900/2019, p. 657).

Dessa forma, Freud (1900/2019) evidencia que os processos primários e processos secundários, constituintes do aparelho psíquico, surgem simultaneamente. O sentido de “primário” entra em questão, pois só é primário em relação ao secundário. Assim, não existe primeiro um processo e depois o outro, pois um aparelho psíquico dotado somente de processo primário não seria nem sequer um aparelho.

Assim, esses desejos inconscientes infantis apontam para os esforços psíquicos posteriores de uma censura a que eles precisam se submeter e tentam se desviar e se dirigir para metas mais elevadas. Devido a isso, boa parte do material mnêmico permanece insubmisso ao investimento pré-consciente e

sequer chega a consciência.

Entre esses impulsos de desejos infantis, que não puderam ser destruídos ou inibidos, encontram-se aqueles cuja realização está em contradição com as representações que possuem a meta do pensamento secundário. Assim, a realização desses desejos já não proporciona mais o sentimento de prazer, mas, sim, o de desprazer. É essa transformação de afeto que constitui a essência do que Freud denomina enquanto *repressão* [*Verdrangung*]¹²:

Basta retermos que essa transformação de afetos ocorre ao longo do desenvolvimento (lembramos do surgimento do nojo, que falta inicialmente na vida infantil) e que está ligada à atividade do sistema secundário. As lembranças a partir das quais o desejo provoca a liberação de afetos não eram jamais acessíveis ao *Pcs*; por isso a liberação dos afetos relativos a elas não pode ser inibida [...] O princípio do desprazer entra em vigor e faz com que o *Pcs* se afaste desses pensamentos de transferência. Estes são entregues a si mesmos, “reprimidos”, e assim a existência de um patrimônio de lembranças infantis, desde o começo subtraído ao *Pcs*, torna-se precondição para a repressão (1900/2019, p. 658).

Portanto, é enfatizada a importância das lembranças e desejos infantis para a constituição dos processos psíquicos. Encontramos essas pistas no funcionamento regressivo dos sonhos, em alguns casos da vigília e também na formação da repressão. Essas lembranças inconscientes constituem e ditam a temporalidade do funcionamento inconsciente.

Recapitulando o caminho tecido por Freud na elaboração da primeira tópica psíquica no texto de 1900, encontramos que, entre a percepção e a ação motora se introduziria pré-consciência e inconsciente: um aparelho de memória. Nem tudo que está na memória vem para a consciência, ou porque não interessa ao indivíduo recordar conscientemente ou porque tanto o interessa que ele reprimiu. O aparelho toma a direção progressiva-regressiva, mas sempre respeitando a ordem relativa aos seus sistemas. De antemão, entendemos que a consciência assume uma posição dependente dos elementos perceptivos que conduzem a excitação por associação aos traços mnêmicos que constituem as lembranças. Essas lembranças, infantis em sua maioria, são submetidas à

¹² O tradutor desta edição, Paulo César de Souza, ainda recorre ao termo repressão para traduzir recalque. Preservamos a utilização do termo, mas reconhecendo a ele o sentido de recalque.

instância criticante do Pré-consciente para, assim, passar sob censura para a Consciência. Em certos casos, essa direção progressiva assume a direção reversa, produzindo imagens mnêmicas, ativando alucinações ou imagens oníricas. Em outros casos, as lembranças infantis, que não proporcionam o sentimento de prazer, são inibidas e reprimidas.

2.1.2 A primeira tópica psíquica subsiste em 1925

Anos mais tarde, no texto “Nota sobre o bloco mágico” (1925//2011), também encontramos a perspectiva freudiana sobre o funcionamento temporal do aparelho psíquico percepção-consciência em relação ao inconsciente. Neste texto, após a elaboração de sua segunda tópica psíquica¹³, Freud volta a pensar o funcionamento do aparelho psíquico à luz da primeira tópica. Dessa forma, evidencia-se que o próprio caminho teórico de Freud passa pelas constantes reorganizações posteriores, advindas de um novo nível de maturidade teórica e prática, bem como os processos psíquicos explicitados em sua primeira tópica.

Freud (1925/2011) depara-se com o *bloco mágico*. Uma superfície composta por uma folha de cera ou resina sobreposta por uma folha fina de celuloide. Para riscar o bloco, não precisamos de um material que solte algum pigmento. Uma ponteira que cause sulcos na superfície e encoste na folha celuloide, protetora da folha de resina, é suficiente para fazer registros. A folha celuloide, nesse caso, não é responsável pelos registros, mas uma proteção para a folha de cera que é de fato riscada. Quando passamos uma régua ou qualquer material que desencoste uma folha da outra, apagamos os registros outrora feitos. Assim, neste aparelho, conciliamos duas funções que nos servem para pensar essa metáfora do aparelho psíquico perceptivo: a capacidade de apagar registros na superfície aparente (folha celuloide) e a durabilidade dos registros (folha de cera). Quando exposta a uma iluminação adequada, os traços que permanecem na folha de cera podem ser percebidos.

Segundo Freud (Ibid.), a camada que recebe os registros não duradouros seria o

¹³ Essa elaboração foi realizada no texto *O Eu e o Id* (1923).

sistema Percepção/Consciência (Pcp-Cs), sendo que as bases dos registros duradouros estariam em outros sistemas adjacentes a ele. Assim, enquanto o sistema Pcp-Cs se acha investido, “[...] recebe as percepções acompanhadas de consciência e transmite a excitação para os sistemas mnemônicos inconscientes; assim que o investimento é recolhido, apaga-se a consciência e cessa a operação do sistema” (FREUD, 1925/2011, p. 274). Freud atribui, portanto, a descontinuidade do funcionamento perceptivo ao envio e à retirada de impulsos do inconsciente.

Fiz a suposição de que inervações de investimento são enviadas e novamente recolhidas, em breves empuxos periódicos, do interior para o totalmente permeável sistema Pcp-Cs [...] É como se o inconsciente, através do sistema Pcp-Cs, estendesse para o mundo exterior antenas que fossem rapidamente recolhidas, após lhe haverem experimentado as excitações. Assim, as interrupções que no Bloco Mágico acontecem a partir de fora se dariam pela descontinuidade da corrente de inervação, e no lugar de uma verdadeira suspensão do contato haveria, em minha hipótese, a periódica não excitabilidade do sistema perceptivo. Também conjecturei que esse funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs estaria na origem da ideia de tempo (FREUD, 1925/2011, p. 274).

Freud propõe, no plano da consciência, uma representação que se pode fazer do tempo a partir do funcionamento descontínuo do sistema percepção-consciência. Um tipo de funcionamento que se acende e se apaga na medida que é investido ou desinvestido pelo inconsciente. Em outras palavras, um tempo cronológico, com uma sucessão de pontos, de instantes descontínuos pensados independentes de qualquer fenômeno (GONDAR, 1994). Freud (1925/2011) representa o sistema da percepção-consciência como o que possui maior contato com o mundo externo.

Nesse sistema, não conseguimos perceber todos os estímulos externos. Caso fosse possível, correríamos o risco de desmoronar o sistema psíquico. Para que isso não aconteça, Freud (1925/2011) propõe que o aparelho perceptual consista em duas camadas: um escudo protetor e a camada por trás do escudo que recebe estímulos abrandados. Essas duas camadas compõem o sistema Pcpt-Cs propriamente dito. Ainda assim, caso esse escudo falhe, o psiquismo se encontraria em risco pela sua exposição a qualquer estímulo. Dessa forma, é necessário que exista uma outra tecnologia que nos assegure um domínio

desses estímulos recebidos, para classificá-los e vinculá-los aos traços que nos marcaram um dia.

Também não seria possível armazenar todo o material, como bem coloca Freud (1925/2011), pois logo esgotaríamos a nossa capacidade de assimilar novos estímulos. O que não ocorre com o nosso aparelho psíquico que possui “[...] ilimitada capacidade de receber novas percepções e cria duradouros — mas não imutáveis — traços mnemônicos delas” (FREUD, 1925/2011, p. 269).

Para dar conta desse problema, Freud (1925/2011) retoma sua suposição realizada na *Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), separando a função da consciência e da memória em dois sistemas diferentes. Posterior a essa separação, em nota acrescentada no corpo do texto de 1925, afirma que o fenômeno da consciência surge no aparelho perceptivo no lugar dos traços permanentes de memória, os traços mnêmicos. Dessa forma, a consciência não armazena nenhum material de memória, mas o transmite para os “sistemas mnemônicos” pré-conscientes e inconscientes, capazes de articular os traços de excitações recebidas entre si.

Portanto, colocada a descontinuidade perceptiva da consciência e a sua incapacidade de armazenamento, conclui-se que “[...] o sistema Pcpt-Cs não apenas se acende e apaga-se a cada nova excitação, como no momento em que se apaga a excitação desaparece por completo - ao menos para ele” (GONDAR, 1995, p. 37). Sendo assim, a característica própria do tempo da consciência seria a sua descontinuidade.

Dessa forma, distanciamos o tempo da consciência do tempo subjetivo, o *tempo vivido* da fenomenologia. Esses últimos tempos revelam uma “consciência do tempo”, exclusiva do ser humano, e “[...] que dizem respeito à visão imediata que possuímos de nossa própria temporalidade” (GONDAR, 1995, p. 39). Os contrapontos freudianos frente a essas concepções fenomenológicas da consciência são diversos. Dentre eles, Gondar (1995) destaca: a incapacidade do aparelho psíquico em realizar uma síntese, pois é desmembrado em várias instâncias com funcionamentos distintos; a separação entre percepção e

memória; e o fato de a consciência se manifestar interrompida por lacunas inconscientes, que por sua vez, possuem uma descontinuidade ainda mais radical.

Essa descontinuidade levará Freud a privilegiar, no plano do psiquismo, o instante como realidade temporal, em detrimento do fluxo contínuo da “duração” fenomenológica [...] valorizando o inconsciente e, por meio dele, a cisão - e não a síntese - Freud termina por destituir por completo a consciência, encarando-a como pouco mais que uma lâmpada estroboscópica a serviço de outras instâncias psíquicas (GONDAR, 1995, p. 39).

Posto isso, o funcionamento descontínuo da consciência possibilita a construção de uma concepção de tempo abstrata consciente, mas nada diz sobre uma percepção de um *tempo vivido*.¹⁴ Uma concepção de tempo abstrata, pois se revela descontínua pela sua parcialidade perceptiva e pelas lacunas inconscientes que constituem uma abstração, e não se serve do que foi necessariamente vivido. Isso porque nem tudo que entra para essa construção consciente, inscrito nos traços mnêmicos é vivenciado - a exemplo das *protofantasias*¹⁵ na teoria freudiana.

Assim sendo, o tempo vivido não passaria de uma ilusão: não é ele que introduz o homem na experiência da história, e não é através dele que se poderia constituir um sujeito. Se tempo vivido e tempo subjetivo costumam ser apresentados como sinônimos, em Freud eles seriam noções inteiramente distintas: um tempo ilusório não poderia ser subjetivo, pois o sujeito e sua verdade se encontram num lugar inacessível à consciência (GONDAR, 1995, p. 40).

Esse tempo consciente constitui-se em um conceito formado a partir da

¹⁴ O funcionamento descontínuo do sistema Pcpt-Cs não está sempre referido a percepções externas e, portanto, a um tempo abstrato. No caso das percepções internas, de prazer e desprazer, Freud (1950 [1895]/1990) encontra na noção de período uma chave para resolver a questão da percepção qualitativa desses fenômenos. Ou seja, o prazer não poderia estar ligado sempre a diminuição de estímulos e o desprazer ao aumento de estímulos. Sugere, portanto, que inscrevamos as noções de prazer e desprazer a partir da diminuição e aumento de estímulos ocorridos em um determinado período de tempo. Mas como calcular esse tempo? Mais tarde, em seu texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud expressa sua incerteza quanto ao avanço dessa explicação: “Talvez se trate do *ritmo*, do transcorrer do tempo nas alterações, elevações e quedas na quantidade de estímulo; não o sabemos” (FREUD, 1924b/2019, p. 288).

¹⁵ De acordo com Laplanche e Pontalis, Freud denomina as profantasias, ou fantasias originárias, como: “Estruturas fantasmáticas típicas (vida intra-uterina, cena originária, castração, sedução) que a psicanálise descobre como organizando a vida fantasmática sejam quais forem as experiências pessoais dos sujeitos; a universalidade destas fantasias explica-se, segundo Freud, pelo fato de constituírem um patrimônio transmitido filogeneticamente” (LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B., 2001, p. 174). Abordaremos esse conceito mais a frente no subitem 2.3.3 no caso do *Homem dos Lobos* (FREUD, 1918 [1914]).

abstração da descontinuidade do Pcpt-Cs, o que toma o lugar de um *tempo vivido*. Para Gondar (1995):

[...] um conhecimento abstrato do tempo não pode ser imediato e nem intuitivo; ele implica um tempo que não é dado, mas construído. Neste caso, o tempo pensado ganha prioridade sobre o tempo vivido ou, em outros termos, o tempo torna-se aquilo que se pode saber dele. Mas abstrair significa também obter uma formulação geral a partir daquilo que é comum a todas as experiências singulares, ou seja, a partir daquilo que se repete regularmente no plano da experiência (GONDAR, 1995, p. 40-41).

Dessa forma, o tempo da consciência não poderia de forma alguma ser referido a um tempo subjetivo, pois a subjetividade, no sentido psicanalítico, está ausente. Mas se apresenta enquanto uma abstração de um somatório de instantes sucessivos e descontínuos regidos por processos inconscientes, no qual a subjetividade se encontra presente.

A seguir, veremos como a atemporalidade do sistema inconsciente não corresponde a uma simples ausência de temporalidade, mas a uma diferenciação, a princípio, entre o tempo do inconsciente e o tempo da consciência. O inconsciente toma uma distância da cronologia e de qualquer noção de desenvolvimento, conduzindo-nos a pensar um outro regime de tempo. Ele implica um tempo próprio em sua produção e é, ao mesmo tempo, produzido por esse tempo.

2.2 ATEMPORALIDADE DO INCONSCIENTE

No texto *Sobre o início do tratamento* (1913/2019), Freud apresenta pela primeira vez diretamente a problemática do tempo na relação analítica e do tempo do inconsciente. Apresenta o problema do tempo como um dos pontos importantes que se apresentam logo no início do processo analítico. Ao comentar sobre a duração das sessões analíticas, Freud (1913/2019) expõe as tentativas de abreviar o tratamento, empreitada feita por alguns psicanalistas, e ressalta a temporalidade do processo analítico através do “[...] vagar com que as transformações psíquicas profundas transcorrem, em última análise, provavelmente a 'atemporalidade' de nossos processos inconscientes” (FREUD, 1913/2019, p. 130).

Freud retoma essa afirmação no artigo metapsicológico *O Inconsciente* (1915/2010). Neste artigo, Freud conceitua o inconsciente com características próprias e discorre sobre sua relação específica com o material recalcado. Dentre essas características, encontram-se o desconhecimento do tempo. Reafirma, portanto, essa mesma atemporalidade dos processos inconscientes:

Os processos do sistema lcs. são *atemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo; não têm relação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema Cs [...] Vamos resumir: *ausência de contradição, processo primário* (mobilidade dos investimentos), *atemporalidade e substituição da realidade externa pela psíquica* são as características que podemos esperar encontrar nos processos do sistema lcs (FREUD, 1915/2010, p. 128).

Nessa passagem, Freud (1915/2010) postula alguns enunciados que, apesar de aparentarem redundância, não afirmam exatamente as mesmas ideias. Para pensarmos essas afirmações, tomaremos como referência a sistematização feita por Gondar (1995). Dessa forma, voltemos a nossa atenção para o primeiro enunciado: “os processos do sistema lcs são atemporais [...]” (FREUD, 1915/2010, p. 128). Se, por um lado, Freud afirma a atemporalidade do inconsciente, por outro lado, lança mão da palavra *processos* para pensar os fenômenos psíquicos temporais. De acordo com Gondar:

[...] o termo processo traz implícita consigo uma ideia; ele se produz entre um antes e um depois, exigindo, portanto, um tempo qualquer

para sua realização. E não haveria um tempo implicado quando as representações inconscientes se associam, deslocam-se, condensam-se, ou quando relacionam um elemento do presente a uma lembrança do passado? (GONDAR, 1995, p. 30).

Na segunda parte do enunciado, Freud (1915/2010) afirma que esses processos “[...] não são ordenados temporalmente [...]” (FREUD, 1915/2010, p. 128) e concordamos que não exista uma ordenação cronológica. Mas, caso não existisse ordenação temporal alguma, os processos inconscientes estariam dispostos em um funcionamento caótico.

Em seguida, Freud afirma que os processos inconscientes também “[...] não são alterados pela passagem do tempo [...]” (FREUD, 1915/2010., p. 128). Neste enunciado, concordamos com Gondar (1995) que seja “[...] possível pensar em processos que não se desgastam, podendo ocorrer permanentemente com o mesmo vigor” (GONDAR, 1995, p. 30). Entretanto, se esses processos psíquicos inconscientes consistem em articulações de representações passíveis de serem rearranjadas, percebemos alguma modalidade temporal implicada nesses rearranjos (GONDAR, 1995).

De acordo com Freud, no seu texto *O Inconsciente* (1915/2010), ainda sobre essa parte de sua proposição, o retorno do material recalcado expressa não haver passagem de tempo nos processos inconscientes. Para justificar tal afirmação, Freud (Ibid.) recorre ao conteúdo onírico e ao funcionamento histórico, que apresenta o seu sofrimento pelas reminiscências. Dessa forma, evidencia-se que a passagem do tempo não modifica o desejo e isso é manifesto no inconsciente.

Portanto, a partir dos contrapontos postos acima, entendemos que a afirmação “[...] não tem relação nenhuma com o tempo” (FREUD, 1915/2010, p. 128) não pode ser entendida de forma literal, pois consideramos a existência de processos psíquicos inconscientes detentores de uma ordenação própria, que não cronológica. Dessa forma, concluímos com a afirmação: “a referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema Cs” (FREUD, 1915/2010, p. 128), na qual Freud coloca a atemporalidade do inconsciente relativa à temporalidade consciente. Afirmação que será retomada, posteriormente, na

parte IV de “Além do princípio do prazer” (1920):

Aprendemos que os processos anímicos inconscientes são em si mesmos “atemporais”. Isso significa, em primeiro lugar, que eles não são ordenados temporalmente, que o tempo em nada os modifica, que não podemos aplicar-lhes a noção de tempo. Trata-se de características negativas que só podemos tornar nítidas através da comparação com os processos anímicos conscientes. Nossa representação abstrata de tempo parece muito mais ter sido inteiramente retirada do modo de trabalho do sistema *Pcp-Cs*, correspondendo a uma autopercepção dele. Em vista desse modo de funcionamento do sistema, poderíamos trilhar um novo caminho para a proteção contra estímulos (FREUD, 1920/2020, p. 111).

Ao afirmar a atemporalidade do inconsciente relativa à temporalidade da consciência, pode-se dizer que Freud propõe a temporalidade dos processos inconscientes enquanto negativo da temporalidade da consciência. Com efeito, os seus esforços na proposição da psicanálise se concentram na invenção de uma teoria do inconsciente propriamente dita. A teoria do inconsciente ganha relevância uma vez que “[...] os mais complicados e mais corretos processos de pensamento, aos quais se negaria o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência da pessoa” (FREUD, 1900/2019, p. 665). Assim, o funcionamento temporal da consciência não ganha destaque na teoria freudiana. Nas palavras de Freud (1900/2019), o inconsciente seria a base de todo psiquismo, adquirindo o estatuto de realidade psíquica em sua teoria:

O inconsciente é o círculo maior que encerra em si mesmo o círculo menor do consciente; tudo consciente tem uma fase preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nessa fase e, contudo, reivindicar o valor pleno de uma atividade psíquica. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos* (FREUD, 1900/2019, p. 666).

Vejamos, a seguir, como a consideração sobre a realidade psíquica adquirida na experiência clínica, juntamente com a construção do conceito de inconsciente, permitem conceber um outro regime temporal de funcionamento do aparelho psíquico: o *a posteriori*.

2.3 – A POSTERIORI

Freud (1950 [1895]/1990), a partir dos seus estudos sobre o funcionamento temporal e causal do trauma, lança mão do termo alemão *nachträglich*, que corresponde ao termo *a posteriori* no latim, assumido como tal na versão para a língua portuguesa.

Freud (1896/2019) utiliza esse termo usual da língua alemã em uma dada correspondência a Fliess para acrescentá-lo ao aparato conceitual da teoria psicanalítica. Em suas obras, nos deparamos com a escolha do uso mais frequente do adjetivo *Nachträglich* (posteriormente) e do substantivo *Nachträglichkeit* (qualidade de ser *a posteriori* ou de ter efeito retardado). Em meio a tantas traduções dos termos freudianos, *nachträglich* foi traduzido por “posteriormente” e “a posteriori”.

Já o termo *Nachträglichkeit* foi traduzido como “a posteriori”, “ação diferida”, “ação retardada” e “efeito retardado”. Ao consultarmos o *Dicionário Comentado do Alemão de Freud* (HANNIS, 1996), percebemos que Freud também se utiliza de outras composições derivadas do termo como: *Nachträgliche Wirkung* (efeito retardado ou efeito a posteriori), *nachträglich Gehorsam* (obediência a posteriori), *Nachtrag* (adendo, acréscimo, aditamento) (HANNIS, 1996).

Nesse mesmo dicionário (HANNIS, 1996), destacamos que os termos adquirem na língua alemã tanto o significado de “efeito retardado” (uma manifestação que acontece mais tarde) ou de “retorno ao passado” (no sentido de um acréscimo a posteriori). No uso freudiano, estão presentes ambas significações do termo.

Hanns (1996) nos apresenta uma decomposição do termo: *nach-*, *träg-*, *lich-* e *keit-*, sendo os dois últimos sufixos de adjetivação e de substantivação, respectivamente.

O prefixo *nach-* “[...] corresponde às preposições ‘para’ (em direção a) e ‘após’. [...] também pode indicar repetição da ação ou acréscimo ulterior, ou ainda revisão” (HANNIS, 1996, p. 80). *Träg-*, radical do verbo *tragen*, corresponde a “[...] carregar, portar, levar, usar no corpo [...]” (HANNIS, 1996, p. 80).

No alemão, o prefixo *nach-* quando conectado a outros verbos, indica uma volta a um evento que passou para realizar um adendo¹⁶. O próprio substantivo *Nachtrag* significa “adendo”, “acréscimo”.

O adjetivo *Nachträglich*, termo mais utilizado por Freud, permite duas interpretações no alemão: nos sentidos de “efeito retardado” e de “volta ao passado”. Hanns nos aponta que ambas ideias podem ser frutos de três processos diversos: “[...] fruto de reflexão intensa e consciente, podem originar-se de algo que fermentou nas profundezas e aflorou subitamente; ou ainda podem ser efeito de um *insight* resultando de um estímulo externo” (HANNS, 1996, p. 81). Em todos os três processos, o adjetivo advém por meio de um “trabalho elaborativo” (HANNS, 1996, p. 81).

Nas traduções dos textos freudianos para o português a partir da versão em inglês, encontramos a expressão “ação diferida”. Porém, o termo ação diferida (*deferred action*) não exprime o significado correto, pois os termos em alemão não se referem a uma ação, mas a pensamentos e efeitos. Na tradução espanhola, encontramos *posterioridad*, *posterior*, *posteridad*; e, na francesa, *après-coup*, que evocam, em português,

[...] a idéia de que o sujeito se afastou temporalmente do evento e agora, com a devida distância, reconsidera (rearranja mentalmente) o significado do evento. É como se, a partir de um posto de observação mais afastado do evento, o sujeito pudesse então avaliá-lo de forma diferente (HANNS, 1996, P. 83).

Entretanto, ao tomarmos o termo como *a posteriori*, focamos somente na distância temporal do acontecimento e caímos no risco de ignorar as conotações dos termos no alemão, imprescindíveis para pensar o funcionamento temporal do inconsciente. Perdemos “[...] a noção de retorno ao evento [...] e a ideia de ‘permanência’ do evento [...], bem como a referência a um contínuo processo elaborativo de ‘maturação-significação’” (HANNS, 1996, p. 84).

Faz-se necessário pontuar que, após a colocação, não tão bem definida do conceito de *nachträglich* por Freud, somado à significação da expressão a

¹⁶ “Em alemão, verbos como *nachsehen* (‘verificar’, ‘checar’ e ‘voltar para ver’), *nachzahlen* (‘voltar a pagar mais tarde um suplemento ou diferença’), *nachholen* (‘recuperar’, ‘reparar’) evocam uma volta desse tipo” (HANNS, 1996, p. 81).

posteriori em português, poderíamos, facilmente, nos equivocar ao vermos o passado enquanto uma instância estagnada e remota cujos representantes reaparecem em um uma situação posterior. Essa compreensão nos conduziria a uma clínica investigativa de indícios responsáveis pelo presente em todo passado do sujeito. Em outras palavras, faríamos do passado um conservatório imutável de uma única verdade e de toda experiência traumática do sujeito.

Freud, desde a Carta 52 (1896/2019) endereçada a Fliess, na qual esboça pela primeira vez o aparelho psíquico, sugere a processualidade desse trabalho. Ou seja, o trabalho de rearranjo não se daria em um só momento *a posteriori*, quando distanciado do evento primeiro, destituído de trabalho:

Você sabe que eu trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de tempos em tempos, o material presente na forma de traços mnêmicos [*Erinnerungsspuren*] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações. Portanto, o que há de fundamentalmente novo em minha teoria é a afirmação de que a memória não está disposta em apenas uma, mas em várias camadas, que é escrita com vários tipos de signos (FREUD, 1896/2019, p. 35).

Em outras palavras, nessa passagem Freud afirma que não há um passado inerte e finalizado que determinaria um presente, mas uma invenção e reinvenção de um trabalho da memória sobre o passado regido por novas articulações. Ao consultarmos o *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (2001), verificamos uma sistematização que relaciona o funcionamento *a posteriori* à concepção do trauma e da sexualidade em Freud:

1. Não é a cena vivida que vai ser remodelada posteriormente, ao encontrar-se com outra representação, mas, sim, o que não pode integrar-se completamente em um contexto significativo: o acontecimento traumatizante.
2. A remodelação *a posteriori* acontece com os novos acontecimentos e experiências, junto à maturação orgânica, que permitirão ao sujeito o acesso a um novo tipo de significações e a conseqüente reelaboração das suas experiências anteriores.
3. A evolução da sexualidade, acima de tudo, favorece, pelas passagens temporais que implica no homem, o fenômeno do *a posteriori*.

O percurso conceitual realizado por Freud na construção do *Nachträglich* revela a tradução do sentido mais plausível do termo como *a posteriori*. Dito isso, retomaremos esse percurso para melhor entendermos acerca dessa temporalidade psíquica e suas intrínsecas relações com a vida anímica.

2.3.1 – Caso Katharina

Freud escreve entre 1893 e 1895, ao comentar o caso clínico de Katharina, acerca dos efeitos *a posteriori* das impressões de um período pré-sexual. Nesse momento, apesar de não utilizar o termo *nachträglich*, já evidencia o seu funcionamento.

[...] constata-se, na análise de qualquer histeria fundada em traumas sexuais, que impressões do tempo pré-sexual, que permaneceram sem efeito sobre a criança, depois adquirem força traumática como lembranças, quando a compreensão da vida sexual se abre para a moça virgem ou a mulher (FREUD, 1893-1895/2016, p. 192).

Nesse mesmo texto, Freud afirma ter tomado emprestado para sua clínica essa hipótese de funcionamento já presente na teoria de Charcot. Um funcionamento que sinaliza um hiato entre trauma e sintoma. À esse intervalo, Charcot se referia como “período de elaboração” psíquica (FREUD, 1893/2016). Entretanto, Freud, ao tomar essa hipótese emprestada para elaborar sua própria teoria do trauma, introduz nela a dimensão sexual. E, dessa forma, complexifica a teoria do trauma charcotiana e o seu “período de elaboração”. A hipótese de Charcot apresenta-se vaga e mantém a primazia da cronologia, na medida em que apresenta apenas um certo retardo nos efeitos traumáticos, tornando o intervalo temporal enquanto intervalo de espera (GONDAR, 1995). Dessa forma, concebe o sentido do passado enquanto já dado e se aproxima mais do sentido da expressão “ação diferida”.

Partindo da referência à teoria do trauma de Charcot, Freud se depara com novas constatações e passa a revirar o modelo do mestre. Nesse sentido, Freud e Breuer dedicam-se, por alguns anos, às mais diferentes formas e sintomas da histeria. No capítulo “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos” (1893-1895/2016) deparam-se com a impossibilidade de encontrar a origem do

trauma no simples exame do doente. Isso porque os doentes deixam de falar em razão do caráter desagradável do conteúdo e, principalmente, por não se lembrarem do evento primeiro desencadeador do quadro patológico. Ademais, isso se deve ao fato de o evento se localizar no passado infantil, quando o aparelho psíquico ainda não era capaz de lidar com esse tipo de excitação. Dessa forma, Freud e Breuer (1893-1895/2016) defrontam-se com a necessidade de hipnotizar os doentes para, assim, aparecerem “[...] as lembranças do tempo em que o sintoma apareceu pela primeira vez” (FREUD, BREUER 19).

Nesse mesmo texto, Freud e Breuer (1893-1895/2016), ao tratarem de histerias ditas “traumáticas”, concebem o trauma enquanto causa efetiva da doença. Dessa forma, estabelecem uma relação temporal entre o trauma psíquico ocasionador e o fenômeno histérico e seus sintomas:

Mas o nexa causal entre o trauma psíquico motivador e o fenômeno histérico não é tal que o trauma, como *agent provocateur* [agente provocador], desencadeasse o sintoma, que então, tornado independente, permaneceria. Devemos antes afirmar que o trauma psíquico ou, mais precisamente, a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente atuante no presente [...] (FREUD; BREUER, 1893-1895/2016, p. 23).

Assim, descobrem uma relação entre passado e presente, na qual o passado não se separa do presente enquanto algo que passou, mas continua a agir sobre o presente, remodelando-o. Pois bem, Freud e Breuer (1893-1895/2016), neste momento, elaboram a teoria do trauma junto ao sofrimento histérico, utilizando-se da metodologia da hipnose para chegar a algumas constatações:

Numa inversão de sentença “cessante causa cessat effectus” [cessando a causa, cessa o efeito], bem poderíamos deduzir dessas observações que o acontecimento motivador continua a atuar de alguma forma anos depois, não indiretamente, como causa precipitadora, mais ou menos como uma dor psíquica lembrada em consciência desperta ainda provoca lágrimas tempos depois: *o histérico sofre sobretudo de reminiscências* (FREUD; BREUER, 1893-1895/2016, p. 25).

A esta altura da elaboração da psicanálise freudiana, já é possível vislumbrar a tese de que o traumático não é o acontecimento em si, mas a sua lembrança. Ou seja, as *reminiscências históricas*. E, ainda, o trauma não acontece em um único evento, mas requer a participação de dois tempos, de duas representações. À vista disso, já percebemos um pensamento embrionário acerca do funcionamento *a posteriori*, embora Freud ainda não tenha utilizado o termo.

2.3.2 – Caso Emma

O termo *nachträglich (a posteriori)* é utilizado por Freud, pela primeira vez, no caso Emma (FREUD, 1950 [1895]/1990), mais especificamente, no capítulo do *Projeto* (1950 [1895]/1990) denominado *Próton Pseudos*. No *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, Freud desenvolve a ideia de uma forma de energia e a situa na origem da atividade humana. Há o tempo de uma satisfação primeira, a perda do objeto (*das Ding*) e o movimento para reencontrá-lo. Neste momento, Freud já distingue esse pensamento embrionário do “impulso”, que atropela o sujeito, das excitações externas, das quais o sujeito tem a possibilidade de se esquivar. A partir dos estudos sobre a histeria, atribui ao quadro sintomático uma origem traumática de sedução sofrida na infância. Freud (1950 [1895]/1990) explica o sintoma através de um mecanismo de recalque histórico da sedução sofrida na infância que estará no cerne da formação de um trauma. Designa um processo de reorganização no qual o acontecimento traumático passa a ganhar significação em um *a posteriori*.

Nesse caso, Emma, aos 12 anos, relata não conseguir entrar sozinha em lojas. Ela atribui a causalidade a um momento em que ela fora entrar em uma loja e assistiu a dois vendedores rindo juntos. Desta cena, Emma interpreta que os dois riam de sua vestimenta e se assusta. Acrescenta, também, o fato de ter se interessado sexualmente por um dos dois vendedores.

Emma recorda uma segunda cena, sem apresentar nenhuma relação associativa com a primeira. Apesar de ser lembrada após a primeira, relata ter ocorrido quando criança. Emma, na ocasião de ir comprar um doce em uma loja,

é apalpada pelo proprietário por cima de suas vestimentas. O proprietário sorria ao apalpá-la. Depois do ocorrido, Emma retorna a essa loja mais uma vez.

Freud (1950 [1895]/1990) estabelece um vínculo associativo entre as duas cenas: o riso e a vestimenta. A impossibilidade de estar sozinha na loja parece perfeitamente razoável ao observarmos os vínculos associativos entre as duas cenas, embora somente o elemento vestimentas tenha penetrado em sua consciência. Para assim ter ocorrido, o “[...] pensamento conscientemente operante estabeleceu duas conexões falsas no material à sua disposição [...]: que riam dela por causa da roupa e, [...] que ela havia ficado sexualmente excitada por um dos vendedores” (1950 [1895]/1990, p. 477).

A lembrança da cena com o proprietário despertou o que ela não era capaz de assimilar no acontecimento, “[...] uma liberação sexual, que se transformou em angústia. Devido a essa angústia, ela temeu que os vendedores da loja pudessem repetir o atentado e saiu correndo” (1950 [1895]/1990, p. 476). Assim, a liberação sexual não se vinculou à cena quando ocorrida, mas é despertada por uma outra lembrança sexual de uma cena que aciona um afeto que não pôde sentir outrora. Entre a cena de sua infância e a cena mais recente, houveram mudanças trazidas pelo desenvolvimento de sua sexualidade que lhe permitiram uma outra compreensão do que havia ocorrido. Um caso de recalçamento, em que o recalçado retorna no sintoma: a jovem teme entrar sozinha, pois também teme a sedução. A partir disso, advêm a primeira menção ao termo:

Constatamos invariavelmente que se recalcam lembranças que só se tornaram traumáticas por **ação retardada**. A causa desse estado de coisas é o retardamento da puberdade em comparação com o resto do desenvolvimento do indivíduo (FREUD, 1950 [1895]/1990, p. 478).

Para Freud, uma cena traumática não tem sentido em si mesma, na medida que não pode fornecer alguma representação sexual. Mas, quando é transformada em representação-lembrança e evocada por uma segunda cena com representação sexual, pode haver a sexualização da lembrança do primeiro acontecimento. Isso atualiza uma excitação que abala a economia psíquica do sujeito. Dito de outro modo, é o acontecimento posterior que, após se ligar à lembrança anterior, desencadeia a produção do sintoma. Já a suposta cena da

fonte traumática não produz efeito imediato sobre o sujeito. Logo, o acontecimento passado distante não está em jogo sozinho, mas, sim, a conexão entre duas representações. Duas representações que, do ponto de vista de um tempo cronológico, não precisariam estar relacionadas.

Nesse mecanismo de conexão, a defesa é mobilizada para impedir que a primeira cena tenha acesso à consciência. Inicialmente, a teoria do trauma estava alicerçada na teoria da sedução que implicava, necessariamente, em um acontecimento de uma cena sexual traumática vivenciada pela criança que seria significada sexualmente após a passagem pela puberdade do indivíduo. O conceito de trauma ganha, portanto, consistência. O tempo no trauma é sempre retroativo.

Ao questionar a frequência destes relatos em seus pacientes e em si mesmo, em uma de suas cartas à Fliess (Carta 69), Freud (1897/2019) declara não acreditar mais em sua neurótica, referindo-se à sua teoria das neuroses, devido a três motivos. O primeiro contempla não estar conseguindo chegar em seu processo de autoanálise a uma conclusão real, o abandono do processo pelos pacientes com os quais Freud parecia estar tendo êxito completo e a possibilidade de explicar êxitos parciais a partir de critérios comuns. O segundo por perceber, pelo relato de seus pacientes e da sua autoanálise, que todos os pais seriam considerados pervertidos. E, por último naquilo que nos interessa, o terceiro é que “[...] não há um signo de realidade no inconsciente, de forma que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção investida com afeto” (FREUD, 1897/2019, p. 48). Diante disso, atentou-se para a pertinência das fantasias e das lembranças encobridoras, de modo que a teoria do trauma ganhou outro significado: o encontro da criança com a sexualidade já é, por si só, traumático¹⁷. É dessa maneira que Freud (1897/2019) retira a inscrição do acontecimento traumático do episódio da sedução infantil que atesta uma cena de abuso, assimétrica por excelência, entre uma criança e um adulto. Ao mesmo tempo, possibilita pensarmos em inscrições ficcionais *a posteriori* que adquirem um

¹⁷ Apesar de se deparar com essa descoberta nesse momento, Freud só a publica oito anos depois, em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

valor de verdade para o sujeito, organizando toda uma cadeia de associações e pensamentos.

2.3.3 Homem dos Lobos

Freud, ao assumir o caso de uma neurose infantil cujo relato e análise encontram-se no texto conhecido como Homem dos Lobos (1918 [1914]/2010), lida diretamente com a questão do tempo. Seja o tempo da duração do tratamento, seja da cronologia dos supostos eventos ligados à cena traumática que investigava. Em dado momento, Freud assume um caminho para a aceleração do decurso analítico. O autor afirma que duas peculiaridades o levaram a publicar o caso: de um lado, a gravidade da doença; e, do outro, a duração do tratamento. O tratamento teve um longo tempo de duração, apresentando dificuldades especiais que proporcionaram um grande aprendizado para a prática psicanalítica. Freud ressalta a importância desses casos de longa duração para o avanço do conhecimento psicanalítico:

As análises que em pouco tempo obtêm resultado favorável são valiosas para a autoestima do terapeuta e reveladoras da importância médica da psicanálise; para o avanço do conhecimento científico são geralmente sem valor. Não se aprende nada de novo com elas. Pois tiveram sucesso tão rápido porque já se sabia o que era necessário para a sua resolução. Algo de novo se ganha apenas com as análises que oferecem dificuldades especiais, cuja superação requer muito tempo. Somente nesses casos conseguimos descer às camadas mais fundas e primitivas do desenvolvimento psíquico, lá encontrando as soluções para os problemas das configurações posteriores (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 17).

O jovem adoeceu severamente aos dezoito anos, após uma infecção de gonorreia, que o tornou incapacitado para a vida e dependente de outras pessoas. A partir disso, Freud assume o tratamento desse jovem paciente russo que havia ido para Viena totalmente despreparado.

O jovem encontrava-se, antes de seu episódio de infecção, há 10 anos em estado relativamente normal. Entretanto, em sua infância havia sido acometido de um distúrbio caracterizado como uma histeria de angústia (zoofobia) que transformara-se "[...] em neurose obsessiva de conteúdo religioso e prolongou-se, com suas ramificações, até os dez anos de idade" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 14). Freud decide por não publicar o caso inteiro por não achar

viável tecnicamente e nem socialmente, portanto, descarta a possibilidade de estabelecer um nexos causal entre a sua enfermidade infantil e o seu padecimento na juventude. Mesmo Freud não tendo o acompanhado na infância, mas na juventude, ele opta por eleger a neurose infantil como objeto de sua comunicação teórica. Essa comunicação pauta-se em uma neurose infantil analisada apenas quinze anos após o seu fim. O conteúdo acessível da doença infantil passa por distorções e retificações, quando recordado por um adulto, "[...] a que o próprio passado de alguém está sujeito, ao ser olhado retrospectivamente" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 16).

Para tratar deste caso considerado grave por ele, Freud (1918 [1914]/2010) indica que o analista deve se comportar tão atemporalmente quanto o próprio inconsciente, caso deseje obter algum aprendizado e alcançar algo. Em outras palavras, seria necessário submeter-se à atemporalidade do inconsciente, caso desejasse aproximar-se dele. Isto é, não deveria se preocupar com a duração do tratamento que, de antemão, percebe que duraria muitos anos. Nos primeiros anos de tratamento, Freud considera que foram produzidas poucas mudanças no paciente. Após alguns anos submetido ao tratamento analítico, Freud alega a restituição de boa parte da autonomia do paciente, um despertar de interesse pela vida e uma ordenação de suas relações mais importantes.

Entretanto, após essas aquisições, o seu processo estagnou. Essa estagnação apresentou-se enquanto resposta ao momento de vida do paciente, no qual encontrava-se em um estado muito agradável. Diante disso, os avanços do tratamento foram impedidos em vista de um sucesso parcial de seu processo.

Vários anos se passaram e o paciente se manteve em estado de amável apatia (FREUD, 1918 [1914]/2010), escutando, compreendendo e permanecendo inabordável. De acordo com Freud, o paciente apresentava uma séria dificuldade de estabelecimento dos laços sociais, que atrapalhavam suas relações afetivas e sua relação com o trabalho. Diante disso, Freud muda a direção de seu tratamento: espera que a transferência se manifeste na forma de uma forte afeição para, então, estabelecer um prazo fixo de término do

tratamento para o paciente. Dessa forma, indica ao paciente que aquele ano seria o último ano de seu tratamento. Sob a pressão do limite fixado, o paciente apresentou, em um curto período de tempo, uma transformação desejada, possibilitando-o se situar frente a suas inibições e sintomas. Despede-se de seu paciente considerando-o curado de forma duradoura. Freud (1918 [1914]/2010) publicou esse caso com o título *História de uma neurose infantil* devido ao conteúdo produzido pelo paciente a partir da fixação do limite temporal de sua análise. Vale destacar o efeito de um prazo final, de uma finitude colocada que nos impele a um ato, a uma decisão.

Todavia, em um adendo realizado em 1923, Freud relata que o paciente voltara a procurá-lo, se encontrando como fugitivo no contexto de pós-guerra, sem quaisquer recursos para que lhe ajude “[...] a dominar uma parte não resolvida da transferência” (FREUD, 1937, p. 317). Após esse curto período de tratamento, advindos os primeiros avanços em seu tratamento, o paciente relata se sentir normal e passa a se comportar de forma exemplar. Frente a esses novos avanços, o paciente interrompe o trabalho analítico a fim de evitar outras mudanças e manter-se cômodo em sua posição. Porém, ainda assim, fora acometido por severas doenças interpretadas por Freud como “[...] estertores de sua neurose de vida” (FREUD, 1937, p. 318).

A partir disso, Freud (FREUD, 1937) discorre sobre a fixação de um fim de tratamento antecipado, alegando a indubitabilidade desta medida desde que se encontre o tempo certo para tomá-la. Entretanto, tal medida não garante a conquista da completude da tarefa. Diante disso, verifica-se que “[...] enquanto uma parte do material se torna acessível sob a pressão [*Zwang*] da ameaça, outra parte permanece reclusa e com isso é soterrada e se perde para o esforço terapêutico” (FREUD, 1937, p. 318). O autor também nos alerta para o risco de perda de eficácia ao voltarmos atrás de tal estabelecimento de prazo.

Submetido a pressão desse limite temporal, a resistência e a fixação na enfermidade por parte do jovem paciente cederam. A análise forneceu todo conteúdo que possibilitou a suspensão das inibições e a erradicação dos

sintomas. É sobre esse campo que Freud firmará a sua análise sobre uma neurose infantil:

Deste último período de trabalho, em que a resistência desapareceu momentaneamente e o paciente deu a impressão de uma lucidez em geral obtida somente na hipnose, é que vêm todos os esclarecimentos que me permitiram a compreensão de uma neurose infanti (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 19).

Ao relatar a história clínica da infância do jovem, Freud (1918 [1914]/2010) pauta cronologicamente as lembranças, mesmo as encobridoras, evocadas pelo jovem quando criança. Ainda, acrescenta em nota de rodapé a veracidade cronológica dessas lembranças: "[...] Quase todas as épocas puderam ser determinadas com certeza depois" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 22).

Em anos posteriores, contaram ao paciente muitas informações acerca de sua infância, boa parte dessas informações era sabida pelo paciente que apenas desconhecia seus nexos temporais e de conteúdos. Freud (1918 [1914]/2010) lamenta que essas informações tenham atrapalhado a confiança na análise, colocando-se acima dela. A respeito disso, afirma que "[...] o que pode ser recordado vem à luz no decorrer da análise" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 22). Após passar por uma mudança de caráter em sua infância, a angústia só aparece colada às transformações a partir de um acontecimento. Freud (1918 [1914]/2010) ainda continua em sua tentativa de fixar um marco cronológico para esse evento:

O momento dessa transformação pode ser indicado com certeza, foi logo antes de ele completar quatro anos. Em virtude desse ponto de referência, o período da infância de que propusemos nos ocupar se divide em duas fases: a primeira, de ruindade e perversidade, da sedução aos três anos e três meses até o aniversário de quatro anos, e a segunda, subsequente e mais demorada, em que predominam os sinais da neurose. Mas o evento que permite essa divisão não foi um trauma exterior, e sim um sonho, do qual ele despertou com angústia (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 41).

O sonho consistia em uma imagem de seis ou sete lobos brancos em cima de uma árvore, vistos de sua janela, estagnados e com os olhares focados nele. Essa cena onírica causou-lhe muita angústia. Neste texto, Freud (1918 [1914]/2010) utiliza inúmeras vezes o termo *nachträglich* enquanto eixo para a interpretação do sonho dos lobos em relação a uma cena primária:

Se por trás do conteúdo do sonho era de supor uma cena desconhecida, isto é, já esquecida à época do sonho, ela devia ter ocorrido muito cedo. Pois o sonhador diz: "Quando tive o sonho, eu tinha três, quatro, no máximo cinco anos de idade". Ao que podemos acrescentar: e foi lembrado, pelo sonho, de algo que só podia pertencer a uma época ainda anterior (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 47).

O que foi ativada nessa cena foi a lembrança de um coito [por trás] entre os pais no qual pôde "[...] ver os genitais da mãe e o membro do pai, e compreendeu tanto o fato como a sua significação" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 53). A cena primária, a mais antiga ou primeira, foi localizada por Freud, junto ao paciente, na idade de um ano e meio de sua infância. Essa data foi situada em referência ao seu adoecimento por malária, pois, em razão desse adoecimento, ele se achava frequentemente no quarto de seus pais. Já a sua significação, foi processada *a posteriori*, aos quatro anos de idade, no período de seu sonho:

Quero dizer que ele o compreendeu à época do sonho, aos quatro anos, não à época da observação. Com um ano e meio ele recolheu impressões cuja compreensão posterior lhe foi possibilitada na época do sonho por seu desenvolvimento, sua excitação sexual e sua pesquisa sexual (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 53).

Essa associação entre dois eventos evidencia o funcionamento *a posteriori* do inconsciente, no qual a segunda cena se associa à primeira cena e atualiza o poder de afetação da primeira cena:

Depois levaremos em conta que a ativação desta cena (evito propositalmente a palavra "recordação") tem o mesmo efeito que teria se ela fosse uma vivência recente. A cena atua, posteriormente, e nesse ínterim, no intervalo entre um ano e meio e quatro, nada perdeu do seu frescor (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 62).

Este é simplesmente um segundo caso de efeito *a posteriori*. Com um ano e meio a criança recebe uma impressão a que não pode reagir o bastante, só a compreende, só é comovida por ela na sua revivescência aos quatro anos, e somente na análise, duas décadas depois, pode apreender, com sua atividade mental consciente, o que ocorreu então dentro de si. O analisando ignora justificadamente as três fases temporais e coloca seu Eu atual na situação há muito acontecida. Nós o acompanhamos nisso, pois na auto-observação e interpretação correta o efeito há de ser como seria caso fosse possível negligenciar a distância entre a segunda e a terceira fase. E tampouco dispomos de outro meio para descrever os eventos da segunda fase (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 63).

Ao questionar a própria técnica psicanalítica em garantir à cena primária localizada na pré-história sexual o estatuto de verdade histórica, Freud aponta

para a "[...] inclinação que têm os neuróticos de expressar seus atuais interesses em reminiscências e símbolos do passado mais antigo" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 67). E, assim, afirma que essas cenas não seriam reproduções de acontecimentos reais, mas formações da fantasia que obtêm estímulo da época madura na qual seriam "[...] destinadas a uma certa representação simbólica de desejos e interesses reais, e que devem sua origem a uma tendência regressiva, a um afastamento das tarefas do presente" (FREUD, 1918 [1914]/2010, p. 68).

Ao localizar cronologicamente o sonho em referência a um acontecimento posterior, mesmo que o acontecimento primário seja uma fantasia, Freud liberta o funcionamento *a posteriori* do mecanismo do trauma. E, assim, Freud (1918 [1914]/2010) evidencia o caráter fantasmático das cenas mais longínquas, a ponto de receberem o nome de protofantasias.

Mesmo que Freud tenha afirmado a atemporalidade do inconsciente, na qual o analista deve agir na condução do tratamento analítico, bem como a construção das lembranças enquanto fantasias, ele ainda se utiliza do tempo cronológico de duas formas: na primeira, o faz estabelecendo o prazo final de um término antecipado do tratamento, impelindo o paciente a atuar e se posicionar frente aos seus sintomas; e na segunda, ele o faz durante a investigação de sua vida infantil, referenciando-se incessantemente a uma busca exata dos marcos cronológicos da vida de seu paciente. Ambos esforços são revistos na medida em que relata e tece a sua interpretação desse caso de neurose infantil. Assim, Freud também passa pelas suas construções e as revisita para uma leitura posterior, advinda de uma maturidade teórica e prática que somente o percurso temporal pode proporcionar.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assemelhar o mesmo funcionamento retrospectivo para o trauma e para o recalque, Freud expande o funcionamento *a posteriori* para todas as produções inconscientes.

[...] o trauma só surge como tal ao ser evocado por uma segunda representação, assim como o recalque só se revela no retorno do recalcado. Não haveria diferença no tempo entre o recalcado e o seu retorno, pois o recalque não poderia ser pensado como preexistente à produção do sintoma. É desse modo que todas as produções inconscientes - sonhos, chistes, sintomas, atos falhos - serão encaradas em função de um *a posteriori*" (GONDAR, 1995, p. 55).

E, assim, Freud passa a inscrever o trauma na fantasia Édipo-castração, que envolveria todas as produções inconscientes. Freud, em seu texto "O declínio do Complexo de Édipo" (1924), elabora as saídas possíveis de sua teoria acerca do Complexo de Édipo para a menina e para o menino, inscrevendo a ameaça da castração do menino nessa modalidade temporal do *a posteriori*. Apesar de controverso, Freud justifica a assimetria entre o menino e a menina pelas diferenças anatômicas genitais, na medida em que "[...] a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação" (FREUD, 1924a/2019, p. 265). Nesse sentido, afirma que a ameaça da castração não é assimilada pelo menino logo quando colocada. E, portanto, a sua castração segue um funcionamento *a posteriori*. Para Freud, geralmente, o que coloca o menino diante de sua ameaça de castração é o genital da menina:

Em algum momento a criança, orgulhosa de ser possuidora de um pênis, defronta-se com a região genital de uma menininha e tem de se convencer da falta de um pênis num ser tão semelhante a ela. Assim, a perda do próprio pênis se torna imaginável, e a ameaça de castração obtém seu efeito *a posteriori* (FREUD, 1924a/2019, p. 262).

De acordo com ele, descoberta a castração na mulher, qualquer satisfação amorosa no complexo de Édipo passa a custar o genital do menino. Dessa forma, é instaurado um conflito entre o interesse narcísico no genital e o investimento libidinal nos objetos parentais, resultando no afastamento do Eu da criança de sua sexualidade. A autoridade parental ou paterna é introduzida no

Eu, formando o núcleo do que, posteriormente, virá a ser o Super-Eu. A partir disso, é iniciado o período de latência que interrompe o desenvolvimento sexual da criança. A esse afastamento do Eu do complexo, Freud atribui um tipo de recalçamento, apesar de afirmar que o mecanismo do recalque, posteriormente, precisará da participação do Super-Eu, ainda em formação. Se o Eu não conseguir muito mais do que o recalque do complexo, este passará a subsistir no Isso e manifestar efeitos patogênicos.

A partir disso, Freud apresenta que “[...] relações temporais e causais entre complexo de Édipo, intimidação sexual (ameaça de castração), formação do Super-Eu e entrada no período de latência têm uma natureza indiscutivelmente típica” (FREUD, 1924a/2019, P. 266), embora não seja o único trajeto possível. Nessa afirmação, Freud estabelece uma relação temporal por meio do mecanismo de recalçamento *a posteriori* para a ficção da castração. Inscrição que parece buscar suporte em algum dado da percepção, ainda que ficcionalizada *a posteriori*.

Dessa forma, entende-se que todos os mecanismos inconscientes participam e constituem um funcionamento *a posteriori*, sendo, portanto, o tempo que produz o inconsciente e seus demais produtos. Para Gondar:

[...] o inconsciente não existe, isto é, ele não é algo que possui uma realidade presente no tempo. Dele só podemos falar através de suas irrupções, que são constituídas por uma operação temporal singular. O inconsciente é uma virtualidade, que de forma súbita e descontínua se atualiza em brevíssimas manifestações; ele não está lá antes que um sintoma ou um ato falho sejam produzidos. Impõe-se assim um tempo de efetuação, onde o sentido é que faz existir aquilo que o produz (GONDAR, 1995, p. 55).

Lacan (1945/1998) chama atenção para o termo *a posteriori* na obra freudiana, remontando-o a sistematização de um tempo lógico. Lacan escreve que os rearranjos dinâmicos sujeitados à exigência de um trabalho pulsional ao psiquismo, inscrevem-se em um mecanismo de pulsação. Em outras palavras, tudo se dá em um acontecimento psíquico, o inconsciente emerge em um momento preciso e intempestivo, desaparecendo entre uma abertura e seu fechamento.

Esse funcionamento intempestivo não está de acordo com uma temporalidade

cronológica que respeite a ordem sucessiva de articulação entre passado, presente e futuro. O retorno do que é recalçado se dá no presente, ao mesmo tempo, como um segundo tempo cronológico e um primeiro tempo lógico. Dizemos primeiro tempo, pois é a partir dele que se pode afirmar um trauma, um recalque ou até mesmo, o inconsciente. O que é recalçado retorna do passado, mas retorna no futuro desse passado, sendo no presente que há a instantânea abertura do inconsciente, no qual o sujeito emerge (GONDAR, 1995).

É sabido que Freud recorre a esse funcionamento para realizar uma articulação causal entre passado e presente. Entretanto, Freud nada supõe sobre o futuro do presente, o porvir. Freud encarregava seus pacientes a tarefa de realização de qualquer tipo de síntese entre passado e presente que resultaria em uma dimensão futura. Visto que a ele cabia apenas a dissolução entre a articulação desses tempos e seus elementos.

Portanto, concluímos que o funcionamento temporal do inconsciente se realiza de forma descontínua, intempestiva e retroativa. Afirmar que o funcionamento *a posteriori* possui um funcionamento retroativo, não significa dizer que é reversível. Um tempo reversível implica uma simetria entre o antes e o depois, não havendo diferenciação alguma entre esses dois tempos que se relacionam em uma direção regressiva ou progressiva. No funcionamento temporal inconsciente, existe uma diferença instaurada entre um antes e um depois. Diferença causada por algo novo que aparece entre uma lembrança e a lembrança anterior. Cabe afirmar que não existe a possibilidade de reversibilidade do funcionamento temporal inconsciente, pois o psiquismo não é fechado em si mesmo. Se ele está em relação com alguma exterioridade psíquica, advém nele perdas e, assim, a condição de emergência do novo.

Apenas num universo ideal - onde não existe qualquer perda, mas onde tampouco há lugar para o novo ou o imprevisível - o tempo pode ser pensado como reversível, possibilitando uma perfeita equivalência entre causa e efeito (GONDAR, 1995, p. 65).

A produção de algo novo implícita no funcionamento *a posteriori* inconsciente marca uma diferenciação entre o antes e o depois e encontra-se na produção de sentido.

A cada instante que os traços mnêmicos se reorganizam, produz-se um novo sentido, e esse sentido é irreversível - não porque não possa ser produzido um outro que o modifique, mas porque não há possibilidade de retorno ao instante anterior. Esse sentido só pode ser destituído ou ultrapassado pela criação de um outro, que também se apresentará como diferente com relação aos que o precederam: qualquer produção nova é por si só suficiente para impedir a simetria entre um antes e um depois (GONDAR, 1995, p. 66).

É evidente que o *nachträglich* implica um certo tipo de repetição, através das repetições de traços das lembranças em conexão. Não é uma repetição psíquica, pois algo se acrescenta para conferir à primeira cena um outro sentido. Se fosse possível uma repetição do mesmo no inconsciente, ele seria previsível.

Entretanto, apesar do inconsciente não ser previsível, o seu funcionamento se assemelha às leis deterministas, pois articula um antes e um depois. Uma relação de causa e efeito, embora a causa esteja presente só depois. Nessa direção, podemos concluir que “as formações inconscientes são o produto inteligível do passado, ainda que não pudessem, a princípio, ser previstas” (GONDAR, 1995, p. 67).

Não há como prever algo inconsciente, pois nem as condições iniciais podem se tornar conhecidas. Dessa forma, o inconsciente se presentifica recriando o sentido do passado, caracterizando-o enquanto irreversível, pois se faz novo a cada recriação. Se atestamos a capacidade de produção de algo novo no inconsciente e sua irreversibilidade, atestamos também a capacidade do sujeito de criar ou expelir um tempo próprio e, ao mesmo tempo, o sujeito é por ele constituído.

Vimos até aqui a possibilidade de pensar o psiquismo a partir da descontinuidade, sendo que mesmo a temporalidade da consciência se constitui de forma descontínua. Entretanto, apesar de descontínuos, as operações conscientes e inconscientes não se dão da mesma forma e segundo o mesmo estatuto temporal.

Se temos, por um lado, no sistema Pcpt-Cs uma descontinuidade que demarca instantes sucessivos que produzem um tempo linear, temos, por outro lado, o *nachträglich* que se oporá justamente ao regime sucessivo. E, portanto, um

tempo não pontual que contrai toda uma rede de traços de memória em um instante de seu aparecimento. E a cada instante emerge um novo tempo: intempestivo, irregular e retroativo – na medida em que é percebido na temporalidade consciente. Esses traços de memória que insistem em aparecer, ainda que seja para significar algo presente, parecem remeter a inscrições na folha de cera que produzem deformações na folha de celuloide – como se o tempo também desgastasse a camada protetora, talvez não totalmente impermeável a um acúmulo de vivências traumáticas ou à passagem de um tempo que se faz presente na consciência.

Com efeito, ao mesmo tempo em que aponta para a fantasia, Freud não abre mão de uma certa cronologia supostamente capaz de sustentar uma realidade psíquica. Ao pensar o aparelho psíquico enquanto *lócus* de inscrições que poderiam organizar representações, Freud deixa escapar que talvez aquilo que insista com mais intensidade está no campo do irrepresentável.

3 – TEMPO E REPETIÇÃO

Se pautamos um tempo das inscrições no primeiro capítulo, nos deparamos agora com outra forma de temporalidade, que não lida com o trabalho de recordação e o associacionismo para posterior significação, mas denuncia algo irrepresentável. Algo que sempre retorna através da repetição. Um tempo próprio do psiquismo expresso na repetição.

Encontramos no texto *Lembrar, repetir e perlaborar* (FREUD, 1914/2019) uma compulsão à repetição que anuncia um tempo da repetição, mas que preexiste ao conceito de pulsão de morte. É no texto *O Infamiliar* (FREUD, 1919/2019) que encontramos a sensação de angústia frente a isso que insiste em se repetir e que torce a trama entre passado, presente e futuro. Logo em seguida, é cunhado o segundo dualismo pulsional, especificamente no texto *Além do Princípio de Prazer* (1920/2020), no qual Freud tratará de uma modalidade temporal da pulsão ao remetê-la à repetição, que só pode ser concebida no tempo.

3.1 – LEMBRAR, REPETIR E PERLABORAR

Acreditando no postulado de que o inconsciente funcionava apenas conjuntivamente, com um funcionamento causal a partir da conexão entre duas representações, Freud (1850 [1895]/1990) interpretava, incessantemente, para os analisantes a fim de atingir as representações primeiras. Assim, nessa direção, a temporalidade do inconsciente determinaria a temporalidade da interpretação. Entretanto, é a partir da própria clínica que Freud passou a perceber que a enunciação das interpretações e das ligações representacionais não dava conta de interromper uma repetição geradora de sofrimento. Em outras palavras, após o enunciado consciente de uma interpretação inconsciente, os pacientes continuavam a sofrer com suas repetições sintomáticas. Algo sempre voltava.

Em seu texto intitulado “Lembrar, Repetir e Perlaborar”¹⁸ (1914/2019), Freud retoma o seu método de tratamento diante de suas descobertas sobre a causalidade psíquica na medida em que se depara com algo que volta incessantemente, com outra modalidade temporal de algo não representável pela memória: uma compulsão à repetição.

Em um primeiro momento, no método da catarse, o foco era colocado no momento de emergência do sintoma. Cabia ao analista reproduzir o mesmo cenário psíquico do momento de formação do sintoma para que ocorresse a liberação de energia mediante uma atividade consciente. Ou seja, lembrar e ab-reagir eram as metas a serem alcançadas no tratamento.

Após a renúncia à hipnose, Freud experimenta o mecanismo de associação livre para descobrir o que não era possível de recordar conscientemente. Constitui, assim, uma nova técnica para a psicanálise, onde as resistências eram contornadas pelo analista através do trabalho de interpretação e a conseguinte comunicação aos seus pacientes. A ab-reação passa a ser substituída pelo trabalho do paciente em superar as críticas ao seu processo de associação livre, tornando-se essa última, a regra psicanalítica fundamental.

Dessa forma, Freud (1914/2019) chega a sua técnica de estudar a superfície psíquica expressa na fala pelo analisando, na qual o analista renuncia ao destaque de um só fator determinado, utilizando-se do trabalho da interpretação para localizar as resistências que surgem a partir dela e comunicá-la ao paciente. E, a partir disso, com as resistências comunicadas, o paciente deveria passar a relatar sem dificuldade alguma os nexos esquecidos. “De forma descritiva: o preenchimento das lacunas da lembrança, de forma dinâmica: a superação das resistências de recalque” (FREUD, 1914/2019, p. 152).

Freud (1914/2019) destaca do uso psicanalítico da hipnose a função que cumpriu por muito tempo de isolar e esquematizar os processos psíquicos. Nesse método, o recordar se apresentava de forma mais simplificada, pois o paciente se colocava em uma situação anterior que não parecia se confundir

¹⁸ Selecionamos esse texto para compor este capítulo por ele anunciar de antemão um funcionamento da repetição que será explorado no artigo de 1920 por meio do conceito de *pulsão de morte*.

com o presente de forma alguma. Assim, acrescentava o que podia resultar da transformação dos processos antes inconscientes em conscientes. Ou seja, na hipnose, o passado era “revivido”, isolado do presente, para ser trabalhado na medida em que resolvesse as questões inconscientes desse momento.

Nesse ponto, Freud (1914/2019) alerta os leitores sobre a função do esquecimento na análise, que geralmente expressaria uma forma de bloqueio às lembranças. Não raro algum paciente lhe mostrava que não havia esquecido, que sempre lhe foi sabido, mas não pensava nas lembranças traumáticas. Em alguns casos, o esquecimento era totalmente contrabalanceado com lembranças encobridoras, principalmente na amnésia infantil, nos primeiros anos da infância. As lembranças encobridoras da infância possuem a mesma realidade que o conteúdo manifesto dos sonhos possui em relação a seus processos oníricos.

Outro grupo de acontecimentos psíquicos, puramente internos, se contrapõe às impressões e vivências: as fantasias, referências, sentimentos, conexões não de ser considerados de modo diferente diante do esquecer e do recordar. Nesses eventos, frequentemente, é “lembrado” algo que nunca fora “esquecido”, pois jamais foi percebido e nunca foi consciente. Não faz diferença alguma para o tratamento se o evento foi consciente e esquecido ou se jamais tenha chegado à consciência, pois a convicção do paciente independe de tal recordação.

Isso acontece nos casos de neurose obsessiva, em que o esquecimento se limita à dissolução dos nexos e não no reconhecimento de sequências lógicas, com o isolamento de recordações. O esquecimento também é colocado nas memórias dos primórdios da infância, onde o evento esquecido é vivido sem compreensão. Em um tempo *a posteriori*, o esquecimento encontra compreensão e interpretação, mas, geralmente, não é possível acessar a lembrança, que poderia ser conhecida através dos sonhos.

Para um tipo especial de vivências extremamente importantes, que fazem parte dos primórdios da infância e que à sua época foram vividas sem compreensão, mas que *a posteriori* [*nachträglich*] encontraram compreensão e interpretação, geralmente não se consegue evocar uma lembrança. Chegamos ao seu conhecimento através de sonhos e pelos motivos mais prementes da engrenagem da neurose somos forçados a acreditar nela, e também podemos nos convencer de que o analisando, após a superação de suas resistências, não utilizará a

ausência da sensação de lembrança (sensação de familiaridade) contra a sua aceitação (FREUD, 1914/2019, p. 154).

Pois bem, Freud (1914/2019) afirma que, ao aplicar sua técnica, o curso agradável do tratamento não se manteria. Alerta para o surgimento de casos que, até certo ponto, se comportam como uma técnica hipnótica e depois divergem, e outros casos que já divergem desde o princípio do tratamento. Freud utiliza esse último exemplo de casos para afirmar que o paciente não recorda o que foi reprimido e esquecido, mas o atua. Ele o repete espontaneamente sem saber que o faz. E o faz através da “[...] obsessão da repetição [...]” (FREUD, 1914/2019, p. 155), sendo este, portanto, seu modo de recordar.

Após introduzir esse conceito, Freud (1914/2019) o pensa a partir de sua relação com a transferência e com a resistência. Postula que a transferência é somente uma parcela da repetição, sendo a repetição uma transferência de um passado esquecido. A transferência ocorre não só para a figura do analista, mas, também, está presente em todos os relacionamentos e atividades da vida do indivíduo. E, em relação à resistência, postula que quanto maior a resistência, maior será a substituição do recordar pelo atuar.

Diante disso, lança mão da pergunta: mas o que se repete de fato?

A resposta diz que ele repete tudo que já se impôs a partir das fontes do seu recalado em sua essência evidente, suas inibições e posições inviáveis, seus traços de caráter patológicos. Pois ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento (FREUD, 1914/2019, p. 156).

Constatada essa atuação repetitiva, Freud (1914/2019) afirma que não é possível cessá-la durante o início do processo analítico, mas não devemos tratá-la como assunto histórico, e sim como um poder atual. O paciente vivencia suas repetições como algo real e atual, mas devemos, em nosso trabalho analítico, reconduzir à sua história, ao seu passado. O manejo desse processo dá-se através da transferência. Freud aponta para a dificuldade de manejo dos impulsos instintuais, alertando o leitor para um curso de repetição que não pode ser evitado, mas afirma que é em cima dessa repetição que se dá o trabalho com efeito modificador para o paciente.

Diante disso, colocada a compulsão manifesta e atuada na repetição, nos deparamos com outra forma de temporalidade, que não lida necessariamente com o trabalho de recordação e o associacionismo para posterior significação, mas denuncia algo irrepresentável. Essa forma de temporalidade pode ser explorada na teoria freudiana a partir do conceito de pulsão, que ganha mais densidade no seu segundo dualismo pulsional, com a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte.

3.2 O TEMPO INFAMILIAR

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
 Surpreenderá a todos não por ser exótico
 Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
 Quando terá sido o óbvio

Caetano Veloso (1977)

Enquanto Freud escrevia o texto “Além do Princípio do prazer”, publicado em 1920, aborda a mesma problemática da repetição no seu texto intitulado como *O Infamiliar* (1919/2019). Neste último, faz elaborações contendo grande parte da ideia do texto de 1920, tratando da compulsão à repetição como um fenômeno presente no comportamento das crianças e no tratamento psicanalítico. Neste texto, Freud (1919/2019) dedica-se ao estudo de elementos rejeitados nos escritos estéticos pelos estudiosos da literatura. Esses elementos são do domínio do *infamiliar*. Mas o que seria esse domínio? Apesar de, geralmente, coincidir com o que é angustiante, o que é angustiante nem sempre é infamiliar.

Dessa forma, Freud define que “[...] o *infamiliar* [*Unheimliche*] é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo” (FREUD, 1919/2019, p. 33). Apesar da palavra infamiliar ser o oposto do que é familiar [*Heimlich*], nem tudo que não é familiar e é novo nos causa horror. Ao novo e ao familiar há de se acrescentar alguma coisa para que seja percebido como infamiliar, portanto “[...] seria propriamente algo do qual sempre, por assim dizer, nada se sabe” (1919/2019, p. 33). Entretanto, Freud (1919/2019) nos aponta que o infamiliar não é simplesmente algo que se desconhece. Dessa forma, investiga os significados, na língua alemã, do que é familiar e encontra dois sentidos: o

primeiro remete ao que é confortável e confiável; já o segundo ao que é encoberto, o que permanece oculto. O infamiliar não se confirma totalmente enquanto oposto do que é familiar, sendo oposto do primeiro sentido mas não do segundo. Assim, Freud, a partir da citação de Schelling (1968 apud. FREUD, 1919/2019) concebe o infamiliar como sendo “[...] tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (1919/2019, p. 45).

Através da investigação do significado de familiar no dicionário alemão, Freud chega a conclusão de que “[...] é uma palavra cujo significado se desenvolveu segundo uma ambivalência, até se fundir, enfim, com seu oposto, o infamiliar [*unheimlich*]. Infamiliar é, de certa forma, um tipo de familiar” (1919/2019, p. 49). Seguindo em uma investigação mais profunda sobre esse domínio sensível, Freud toma o conto *O Homem da Areia* do T. A. Hoffmann (1815 apud. FREUD, 1919/2019) enquanto referência para guiar essa investigação.

O conto se passa a partir das lembranças infantis de Nathaniel, que se ligam à morte de seu pai. Em algumas noites, sua mãe se encarregava de mandar as crianças, dentre elas Nathaniel, para a cama alertando-as da chegada do *Homem de Areia*. Esse alerta da mãe era acompanhado do som de passos de um visitante que acompanhava seu pai. A mãe apresenta esse Homem de Areia como invenção, porém, a babá deu-lhe uma informação concreta sobre a existência desse tal Homem. Disse-lhe que tratava-se de um mau homem que lançava areia aos olhos daqueles que não queriam ir para a cama. Dessa forma, os olhos saltariam de suas faces e ele poderia levá-los para alimentar suas crias. Assim, o jovem Nathaniel passa a ter medo de que isso ocorra com ele também.

Em dada ocasião, Nathaniel decide ver, com seus próprios olhos, a aparência desse Homem de Areia. Dessa maneira, depara-se com o advogado Coppelius, detentor de personalidade detestável, em visita ao seu pai e o identifica como o Homem de Areia. O pai e o convidado situam-se à beira de uma lareira com brasas flamejantes. O jovem Nathaniel ouve o advogado chamar “Olho aqui, olho aqui” (FREUD, 1919/2019, p. 53), então, é pego por ele, que tenta lançar brasas em seus olhos e jogá-lo, por fim, na lareira. Em seguida, o pai implora

pelos olhos da criança, culminando num desmaio sucedido por um longo período de enfermidade. Não se sabe se essa cena é um delírio infantil ou deve ser compreendida enquanto real no mundo apresentado pelo conto. Um ano depois, em outra ocasião da visita de Coppelius, seu pai é morto em uma explosão no escritório e o visitante desaparece sem deixar rastros.

Posteriormente, em um tempo presente, o agora estudante Nathaniel se depara com um oculista ambulante italiano chamado Giuseppe Coppola, que lhe oferece um barômetro e, após receber sua recusa, lhe oferece óculos: “[...] *bellis occhios - bellis occhios*” (FREUD, 1919/2019, p. 55). O estudante reconhece o Homem de Areia de sua infância no vendedor, mas, ao perceber a inocência da venda de óculos, adquire um binóculo do vendedor. Com o auxílio dessa aquisição, Nathaniel vê Olímpia, a filha do professor Spalanzani, no apartamento à frente e prontamente se apaixona. Entretanto, Olímpia é um autômato construído pelo professor e com os olhos produzidos por Coppola.

O estudante presencia uma briga entre os dois mestres motivada pela obra e “[...] o mecânico, Spalanzani, joga no peito de Nathaniel os olhos ensanguentados de Olímpia, que estavam no chão, dizendo que Coppola os havia roubado” (FREUD, 1919/2019, p. 55). Assim, o estudante sofre um novo ataque de loucura, cujo delírio liga a reminiscência da morte do pai ao acontecimento recente: “Vu-uu-uu - vu-uu-uu - vu-uu-uu - Roda de fogo - roda de fogo! - Gire, roda de fogo - divertido - divertido - Bonequinha de madeira vu-uu-uu bonito bonequinha de madeira, gente!” (FREUD, 1919/2019, p. 55). Então ele se lança contra o professor, o suposto pai de Olímpia, a fim de estrangulá-lo. Nathaniel passa por uma enfermidade, da qual parece curado e pensa em se casar com a sua noiva, que reencontrara. Em um passeio com sua noiva, ambos sobem em uma torre, de onde Nathaniel avista, através do binóculo de Coppola que encontrara em sua bolsa, uma aparição que se movimenta na rua. Trata-se do desaparecido advogado Coppelius. Então, o estudante tem outro ataque de loucura e utilizando as palavras “[...] bonequinha de madeira, gira” (FREUD, 1919/2019, p. 57) tenta arremessar sua noiva do alto da torre. Após falhar com a tentativa e sua noiva ser resgatada pelo irmão,

passa a correr em círculos no alto da torre e gritar “Roda de fogo, gire - roda de fogo, gire!” (FREUD, 1919/2019, p. 57).

Diante do surto de loucura, Coppelius, debaixo da torre, ri e avisa para não se preocuparem, pois Nathaniel virá descer por si só. Diante disso, Nathaniel avista Coppelius e se lança da torre gritando: “Ha! *Bellis occhios - bellis occhios!*” (FREUD, 1919/2019, p. 57). Por fim, o corpo do estudante fica estendido no chão com a cabeça aberta e o Homem de Areia desaparece em meio à multidão.

Freud (1919/2019) narra o conto a partir desses destaques específicos, de modo que associa o sentimento do infamiliar à figura do Homem da Areia. Ou, mais especificamente, associa “[...] à representação de que os olhos devem ser roubados e que uma incerteza intelectual [...] nada tem a ver com esse efeito” (FREUD, 1919/2019, p. 59). Essa incerteza advém da criação do escritor que não permite entendermos se a história se passa no mundo real ou em um mundo fantástico que lhe é caro. Porém, nessa mesma incerteza, Hoffman deixa evidente que o advogado Coppelius é, também, o ótico Coppola e, também, o Homem da Areia. Portanto, Freud (1919/2019) afirma que a incerteza frente à realidade dos elementos fantasmáticos não é o que nos remete ao sentimento de *infamiliar*.

Dessa forma, Freud nos lembra que o medo de perder os olhos provém de uma angústia infantil. Em outras palavras, o medo de ficar cego é, frequentemente, um substituto ao medo da castração. Essa mesma relação de substituição está também presente na fantasia, no sonho e no mito. Esse mecanismo de substituição do medo de castração, confirma-se no conto de Hoffman (1915), no qual o medo de perder os olhos aparece atrelado à morte do pai do personagem Nathaniel. O próprio Homem da Areia, por sua vez, aparece, na trama narrativa, sempre enquanto agente impeditivo de um amor. Essa explicação ganha sentido “[...] quando se substitui o Homem da Areia pelo temido pai, de quem se espera a castração” (FREUD, 1919/2019, p. 63). Freud (1919/2019) também destaca outro elemento do mesmo conto que nos remete ao sentimento *infamiliar*: a boneca aparentemente viva, Olímpia. Neste caso, observa que o sentimento

infamiliar não deve-se a um medo infantil, mas um desejo, ou mesmo uma crença infantil.

Freud (1919/2019) destaca as obras de Hoffman, atribuindo-o o lugar da mestria sobre a produção de sentimento *infamiliar* na literatura. Isso deve-se por “[...] se acrescentarem *a posteriori* os pressupostos da ação até então indisponíveis, o resultado não é o esclarecimento do leitor, mas sim uma total confusão” (FREUD, 1919/2019). Freud já descartara a causa da confusão como uma simples incerteza intelectual, mas, ainda assim, encontramos em meio aos efeitos dessa confusão o efeito *infamiliar*. Para entender se essa confusão também possui suas fontes infantis, Freud insere o âmbito do *duplo*. O autor conceitua o duplo como:

[...] o aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas como idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra - o que deveríamos chamar de telepatia -, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu, - e, enfim, o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações (FREUD, 1919/2019., p. 69).

Assim, Freud destaca a relação do sentimento de *infamiliar* a algo do mesmo que sempre retorna. Mas o que motivaria essa duplicação, divisão ou confusão do Eu? De acordo com o autor (FREUD, 1919/2019), o duplo seria uma garantia contra o declínio do Eu:

A criação de uma duplicidade dessa ordem como defesa contra a destruição tem seu contraponto em uma representação da linguagem onírica, na qual a castração ama expressar-se por meio da duplicação ou da multiplicação do símbolo genital (FREUD, 1919/2019, p. 69).

Para Freud, essas representações surgem “[...] no campo do ilimitado amor por si mesmo, o narcisismo primário, que domina a vida anímica das crianças” (FREUD, 1919/2019, p. 71). Com a superação dessa fase infantil, essas representações se modificam e a segurança quanto a continuidade da vida torna-se o *infamiliar* mensageiro da morte. A representação do duplo não declina junto com a superação desse narcisismo primário, mas pode ganhar novos

conteúdos por meio do desenvolvimento posterior do Eu. No Eu forma-se gradualmente uma instância de autocrítica ao próprio Eu, uma espécie de auto-observação, que trataria o restante do Eu como objeto. Dessa forma, o desenvolvimento dessa instância:

[...] torna possível à antiga representação do duplo ser preenchida com um novo conteúdo, apontando nele muitas coisas, sobretudo aquilo que na autocrítica parece com o antigo e superado narcisismo dos primórdios (FREUD, 1919/2019, p. 71).

Entendidas as motivações manifestas do *duplo*, ainda nada sabemos do propósito de defesa que o projeta para fora do Eu, assemelhando-o a um estranho. Sabemos que há um apego a fases específicas da história do desenvolvimento do Eu, proporcionando uma regressão a momentos em que o Eu ainda não havia se cindido do externo e dos outros. Freud (1919/2019) propõe, assim, a repetição do mesmo enquanto fonte do sentimento infamiliar. Ainda que esse *mesmo* esteja sempre reformulando-se de acordo com as novas vivências experienciadas. Desse modo, Freud atribui esse sentimento infamiliar à repetição involuntária do mesmo, em constante retranscrição, que teria sua fonte no narcisismo infantil. Sendo assim, “[...] o fator da repetição involuntária é aquele segundo o qual até mesmo o inofensivo se torna *infamiliar*, impondo-nos a ideia do fatídico, do inescapável, onde nós até então falávamos de ‘acaso” (FREUD, 1919/2019, p. 77).

Para Freud (1919/2019), no inconsciente anímico, esse material incessante que nos remete ao sentimento de infamiliar é regido pelo domínio da compulsão à repetição das moções pulsionais. Estas, por sua vez, dependem da mais íntima natureza das pulsões

[...] que é suficientemente forte para se impor ao princípio de prazer, conferindo um caráter demoníaco a certos aspectos da vida anímica, algo que ainda se expressa claramente nas aspirações da criança e que domina uma parte do decurso da psicanálise dos neuróticos (FREUD, 1919/2019, p. 79).

Portanto, o que se pode recordar dessa compulsão interna à repetição é experimentado como *infamiliar*. A teoria psicanalítica demonstra que todo afeto de uma movimentação de sentimento transformar-se-ia em angústia através do mecanismo de recalque. Assim, dentre os casos que nos provocam angústia,

existiria uma parcela que evidenciaria que o que é angustiante é algo do recalcado que retorna. Esse angustiante seria o *infamiliar*. Nesses casos específicos em que o angustiante corresponde ao que é *infamiliar*, seria indiferente se o *infamiliar* fosse originariamente angustiante ou se carregasse outro tipo de afeto consigo. Dessa forma, Freud conclui: “[...] esse infamiliar nada tem realmente de novo ou de estranho, mas é algo íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalçamento” (FREUD, 1919/2019., p. 85).

Continuando as elaborações sobre o *infamiliar*, Freud (1919/2019) acrescenta que, em muitos casos, esse sentimento encontra-se associado à morte. O autor justifica essa afirmação em nossa impossibilidade de representar a nossa própria morte. Ainda assim, constatamos que todas as fantasias e medos associados com o sentimento *infamiliar* nos conduzem ao complexo de castração outrora recalcado.

Portanto, o que há de infantil, mas que também domina a vida anímica de neuróticos, é a supremacia da realidade psíquica em relação à realidade material. O *infamiliar* é, então, “[...] o que uma vez foi doméstico, o que há muito é familiar. Mas o prefixo de negação “in-” [*Un-*] nessa palavra é a marca do recalçamento” (FREUD, 1919/2019, p. 95). Dessa forma, Freud (1919/2019) afirma que todo *infamiliar* é material de um recalçamento, mas nem tudo que é recalcado age como *infamiliar*. Assim, traça uma diferença entre o infamiliar presente nos escritos estéticos e o *infamiliar* da vivência. De acordo com ele, este último sentimento “[...] existe quando complexos infantis recalcados são revividos por meio de uma impressão ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (FREUD, 1919/2019, p. 105). Entretanto, para o *infamiliar* dos escritos estéticos, há um rompimento entre as fronteiras do recalque e do material recalcado, pois seu conteúdo foi dispensado da prova de realidade: “[...] na criação literária não é *infamiliar* muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e que na criação literária existem muitas possibilidades de atingir efeitos do *infamiliar* que não se aplicam à vida” (FREUD, 1919/2019, p. 107).

Essas possibilidades garantem ao escritor a liberdade de poder escolher o que ele pode figurar, afastando-se ou aproximando-se da realidade conhecida por nós. Nos escritos maravilhosos, que afastam-se da realidade tomada por nós, apresentam-se elementos que seriam tomados como *infamiliars* por nós na vida real, mas não são nos escritos. Já nos escritos que relatam uma realidade comum, todos os elementos que teriam um efeito *infamiliar* também o tem na nossa realidade vivida. Na maioria dos casos, a ficção cria novas possibilidades para a sensação *infamiliar* que se passam nas vivências.

Para finalizar o texto, Freud (1919/2019) atesta que os sentimentos de *infamiliar* presenciados na solidão, no silêncio e na escuridão, são realmente fatores ligados à angústia infantil e que não desaparecem por completo em grande parte das pessoas.

Portanto, Freud postula o *infamiliar* como um tipo familiar. Familiar por ser algo que sempre retorna dos tempos primórdios do narcisismo primário e se faz atual como realização do afeto presente. Nesse passado, as inscrições e os acontecimentos são vividos sem compreensão e é em uma temporalidade *a posteriori* que torna possível acessar a lembrança. Comumente, não é possível trazer à recordação o que fora reprimido, mas atuá-lo. Isso acontece através das forças pulsionais que são responsáveis por impulsionar as forças do corpo para o registro do sentido. Em outras palavras, tais lembranças que permanecem indestrutíveis no inconsciente, tornam a serem reprimidas pela instância julgadora e só conseguem ganhar expressão através da repetição na atuação. E, assim, continua-se a repetir essa atuação desconhecendo tal ato. Essa repetição de sua atuação constitui a sua maneira de recordar.

O desconforto do sentimento *infamiliar* tem a sua fonte na repetição. Essa repetição involuntária torna o que era inofensivo até então em algo estranho, *infamiliar*, nos colocando de frente a algo irreversível e inadiável. Um destino que se refere ao passado e é atualizado frente a novos acontecimentos, passa a ocupar o lugar do acaso.

Nesse tempo *infamiliar*, exposto por Freud (1919/2019) por meio da obra literária

que, geralmente, nos traz ficções que produzem em nós um sentimento *infamiliar* ou são produzidas por sentimentos *infamiliars*, encontramos a existência de um passado que pede expressão no presente através da elaboração consciente, mas que não cessa em aparecer concomitantemente com o presente através do ato. Causando marcas em nossa história e corpo, por meio da repetição de algo irrepresentável, que sempre se transforma em sua atualização presente e nos assusta pela sua proximidade com o que há de mais íntimo em nós e por sua força potente de afetação na construção do porvir.

Portanto, a sensação *infamiliar* evidencia um funcionamento repetitivo contínuo, que não cessa de voltar. Tratamos de uma compulsão à repetição e de um sentimento de repetição conectado à angústia, agora, traremos o fator impulsionador dessas repetições: as pulsões.

3.3 – TEMPO ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

Em *As Pulsões e seus destinos*, Freud (1915/2019) postula a pulsão enquanto um representante psíquico das excitações que vêm do corpo e que chegam ao psiquismo. O fator impulsionador constitui a própria essência da pulsão e a situa como o motor da atividade psíquica (*pressão*). Nesse momento, a meta ou o *alvo* da pulsão é a satisfação, que pressupõe a eliminação de estímulos advindos dos processos somáticos. O *objeto* é a via pela qual a pulsão conseguirá atingir seu alvo. Esse objeto não é determinado ou fixo, sendo o elemento mais mutável e circunstancial nos atos pulsionais. A *fonte* da pulsão é o próprio processo somático, localizado numa parte do corpo ou num órgão, cuja excitação é representada no psiquismo pela pulsão. Nenhuma parte específica do corpo é concebida enquanto essencialmente sexual, sendo qualquer parte passível de ser uma zona erógena.

Se no plano do erotismo e da sexualidade, as metas pulsionais são organizadas pelo princípio de prazer¹⁹, é a partir de 1920 que Freud se depara com limites a

¹⁹ O curso dos processos psíquicos, quando estimulados por uma tensão desprazerosa, tomam uma direção na qual "[...] seu resultado final coincide com uma diminuição dessa tensão,

esse princípio. Isso não significa que o autor tenha ignorado o desprazer, pois ele já tinha sido notado no caso de uma satisfação de um impulso pulsional ser prazerosa para um sistema psíquico, mas percebida como desprazerosa por outro sistema. Entretanto, é no texto “Além do Princípio do Prazer” (1920/2020) que Freud afirma uma dimensão pulsional que se repete sem atingir a meta da satisfação, ao diferenciar a repetição (*Wiederholung*) da obsessão à repetição (*Wiederholungszwang*). Se a repetição, na medida em que é a via pela qual a pulsão sexual se satisfaz, efetiva-se conforme o princípio do prazer, é a partir da compulsão à repetição que Freud destaca o limite desse princípio.

Diferentemente dos sonhos de punição – para os quais a teoria do sonho enquanto realização de desejo se mantinha intacta –, apresentados primeiro na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud (1920/2020) pensa no contexto de pós-guerra, nos sonhos das neuroses traumáticas; na repetição da vivência de um trauma na cena onírica; e também nas brincadeiras infantis, que insistem em encenar uma vivência de perda e de desprazer; para apresentar o problema da compulsão à repetição. Em outras palavras, estes últimos obedecem muito mais à compulsão à repetição.

Sem a intenção de abarcar com a totalidade desses últimos fenômenos, Freud (1920/2020) toma uma primeira brincadeira de um garoto da idade de um ano e meio para pensar a função da repetição da encenação de situações desprazerosas em uma atividade de ganho de prazer, como a brincadeira. De acordo com o autor, a criança encontrava-se em condições aparentemente normais de desenvolvimento. Ela dispunha de algumas palavras e sons que eram entendidos por seus familiares. A criança tinha boa relação com os pais e com a empregada da casa e tinha a fama de ser uma criança “bem comportada” (FREUD, 1920/2020).

Apesar de ter uma relação estreita com a mãe, que havia a amamentado e cuidado sozinha dela, a criança nunca chorava quando a mãe a deixava por horas. Entretanto, a criança passou a ter o incômodo hábito de atirar todos os

portanto, com uma evitação de desprazer ou uma geração de prazer” (FREUD, 1920/2020, p. 59). É assim que Freud introduz o ponto de vista *econômico*.

objetos que conseguisse alcançar para bem longe dela, para lugares que ela mesma não alcançaria. Ao lançar seus brinquedos, a criança produzia a onomatopeia "o-o-o-o" (FREUD, 1920/2020, p. 77) que, de acordo com a compreensão de seus familiares, não lhes parecia uma interjeição, mas algo no tom de "*fort*" [desapareceu, sumiu] (FREUD, 1920/2020, p. 77). Em um dia de observação específico, Freud (1920/2020) constatou que logo após arremessar seu brinquedo, um carretel amarrado em uma cordinha, e pronunciar seu "o-o-o-o", a criança puxava o brinquedo pela mesma cordinha e saudava o seu aparecimento com um "*da*" [eis aqui, achô, chegô] (FREUD, 1920/2020, p. 77). Assim se constituía a brincadeira completa da criança que consistia em sumir e retornar incessantemente, na qual preponderava o ato de sumir e que também era repetido por si só como brincadeira, embora o maior prazer supostamente estivesse no aparecimento do brinquedo.

Na interpretação de Freud, a criança repetia em suas brincadeiras o mesmo desaparecimento e retorno de sua mãe, utilizando os objetos ao seu alcance. Mas, ao encenar essa situação, a criança passa da posição passiva da vida real para a posição ativa na brincadeira, ainda que a vivência com a mãe tenha sido desprazerosa. Essa impressão desagradável só pôde ser repetida em uma brincadeira "[...] porque a essa repetição está vinculado um ganho de prazer de outra ordem, porém direto" (FREUD, 1920/2020, p. 83). Assim, constata-se que sob o domínio do princípio de prazer existem meios para tornar o que seja em si desprazeroso em objeto de recordação e elaboração anímica. Mas há também algo que estaria além do princípio de prazer e que insiste em retornar.

A compulsão à repetição parece ser um processo semelhante aos que acontecem nos sonhos das neuroses traumáticas e na brincadeira "*fort-da*" e deve ser atribuída ao material recalçado inconsciente. Dessa forma, qual a relação que a compulsão à repetição, manifestação de força do recalçado, estabelece com o princípio de prazer?

É claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver irá forçosamente causar desprazer ao Eu, pois ela revela as atividades de moções pulsionais recalçadas, mas se trata de um desprazer que já apreciamos, que não contradiz o princípio de prazer, pois é desprazer

para um sistema e ao mesmo tempo satisfação para o outro. Mas o fato novo e digno de nota que agora iremos descrever é que a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalçadas desde então (FREUD, 1920/2020, p. 91).

Certamente o material recalçado, causaria um desprazer menor caso retornasse como lembrança ou através de sonhos, do que causa quando emerge enquanto uma vivência nova. Mas uma compulsão à repetição pressiona que seja dessa forma:

Trata-se naturalmente da ação de pulsões que deviam conduzir à satisfação, só que a experiência de que, em vez disso, mesmo naquela época, elas apenas trouxeram desprazer não rendeu frutos. Ela é repetida, apesar de tudo; uma compulsão pressiona a isso (FREUD, 1920/2020, p. 95).

Dessa forma, constatada a compulsão à repetição de experiências desprazerosas, Freud postula um "além do princípio de prazer" (FREUD, 1920/2020), algo que atesta uma função mais originária, mais elementar e pulsional do que o próprio princípio de prazer. É sabido que as pulsões do organismo são as fontes dessa excitação interna e se expressam em um funcionamento livremente móvel:

[...] além de serem representantes de todos os efeitos de forças que se originam no interior do corpo e são transferidos para o aparelho anímico, são mesmo o que há de mais importante, bem como de mais obscuro na investigação psicológica. Talvez consideremos muito ousada a suposição de que as moções que se originam das pulsões não obedeçam ao processo nervoso do tipo ligado, mas ao do livremente móvel que pressiona para descarga (FREUD, 1920/2020, p. 125).

Mas como o esquema pulsional estaria associado à compulsão à repetição? Nas palavras de Freud, "uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior" (FREUD, 1920/2020, p. 131). E nesta direção, "[...] atestam a manifestação da inércia na vida orgânica" (FREUD, 1920/2020, p. 131). Se por um lado, Freud já havia postulado anteriormente o conceito de pulsão enquanto o fator que pressiona para a mudança e o desenvolvimento, neste momento, afirma o caráter conservador do ser vivo nela.

Ao buscar referências científicas nos estudos biológicos, nos fenômenos da hereditariedade e nos fatos da embriologia, sobre vidas mais elementares, Freud (1920/2020) depara-se com a hipótese de que a vida é precedida de um estado de não vida.

[...] tudo o que é vivo morre por razões *internas*, retorna ao inorgânico, então só nos resta dizer: *A meta de toda vida é a morte, e, remontando ao passado: O inanimado esteve aqui antes do vivo* (FREUD, 1920/2020, p. 137).

Ou seja, existe uma pulsão cuja finalidade é conduzir o que está vivo ao estado de inorganicidade, um movimento pulsional regressivo: a pulsão de morte. Com isso, pode criar um novo dualismo indissociável dentro do campo das pulsões: uma oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Ao criar a hipótese da pulsão de morte, Freud coloca a desarmonia e o desequilíbrio em um plano principal.

Ao tentarmos inscrever o campo pulsional enquanto representante psíquico no tempo, poderíamos conectá-lo ao funcionamento descontínuo do psiquismo. Caso a sua temporalidade fosse compreendida dessa maneira, estaríamos subordinando as pulsões às representações e, também, ao princípio do prazer. Entretanto, a pulsão de morte nos coloca frente a uma impossibilidade de isso acontecer: é impossível submeter o irrepresentável à mesma lógica temporal das representações.

Dessa forma lidamos verdadeiramente com um dualismo ao pensar a temporalidade das pulsões. Se de um lado podemos afirmar que as pulsões são exteriores ao funcionamento temporal subjetivo, não podemos afirmar que elas não possuem uma temporalização própria dentro da teoria psicanalítica. Freud (1920/2020) indica uma pista dessa modalidade temporal da pulsão ao remetê-la à repetição, que, por sua vez, só pode ser concebida no tempo.

Inicialmente, Freud (1915/2019) situa as pulsões entre o mental e o somático, sendo responsáveis por articulá-los, visto que tem a sua fonte no corpo e seu objeto no registro psíquico. É desse modo que as pulsões são responsáveis por

dar passagem às forças do corpo para o registro do sentido, sendo condição de possibilidade para o funcionamento do psiquismo. O funcionamento do desejo e do inconsciente seriam, portanto, um momento de atividade das pulsões. Momento no qual a força contínua pulsional é transformada em inscrições no campo das representações do psiquismo. Nesse raciocínio, entendemos porque Freud (1920/2020) sustenta que há um domínio das pulsões que servem à vida e às ligações amorosas e sociais, ao mesmo tempo em que se impõe pensar em pulsões que escapam a essa finalidade, conduzindo o sujeito de volta àquilo que é tradicionalmente visto como impossível de ser representado: a morte.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no texto *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914/2019) que Freud estabelece uma distinção entre recordar e repetir. Isso acontece na medida em que verifica que o paciente não recorda coisa alguma do que recalcou, mas atua-o. Ele repete a sua atuação, desconhecendo a sua repetição. A partir dessa percepção, Freud retoma as direções clínicas, tornando a repetição um mecanismo referencial para a prática psicanalítica.

Ele o faz ao tratar da transferência enquanto um fragmento da repetição, sendo, portanto, repetição de um passado esquecido, talvez nunca vivido. A relação analítica só tem início quando o paciente repete na transferência, o que, por sua vez, não acontece de forma consciente. Se acontecesse, perderia sua eficácia como um mecanismo protetivo. Assim,

[...] se a repetição é o que impede a reminiscência, ela é, ao mesmo tempo, o sinal irrecusável do conflito psíquico; se por um lado é uma forma de resistência, por outro é o mais poderoso dos instrumentos terapêuticos (GARCIA-ROZA, 1986/2014).

Embora a transferência seja uma forma de repetir, não se pode confundir o conceito de repetição com o conceito de transferência. A repetição da transferência "[...] não é uma reprodução de situações vividas pelo paciente, mas *equivalentes simbólicos do desejo inconsciente*" (GARCIA-ROZA, 1986/2014, p. 23). Garcia-Roza (1986/2014) faz essa divisão entre repetições

como repetição diferencial e repetição do mesmo, sendo a primeira relativa à transferência e a segunda às vivências exteriores vividas pelo paciente. A repetição diferencial seria produtora de novidade, enquanto a segunda ocuparia a forma de reprodução. Essa segunda forma se aproxima do funcionamento da compulsão à repetição.

Freud retoma o tema da repetição no texto *O infamiliar* (1919/2019), que aparece relacionada à sensação de assustador, que provocaria medo e horror, sendo a sua característica singular a sua familiaridade aliado ao que é oculto. Só ocorre o *infamiliar* quando há repetição. O *infamiliar* é algo que se repete, mas, ao mesmo tempo, se comporta como estranho. Para dar conta dessa forma de repetição, Freud (1919/2019) recorre à própria natureza das pulsões, afirmando que o *infamiliar* é impulsionado por uma compulsão poderosa o suficiente para prevalecer sobre o princípio de prazer.

Assim, Freud postula a problemática da repetição pulsional em *Além do Princípio do Prazer* (1920/2020), que passa a adquirir o primeiro plano de sua teoria. A repetição torna-se fundamento para a explicação da pulsão de morte como algo mais elementar que o próprio princípio do prazer, expressa na compulsão à repetição. Uma força contínua e impiedosa, que nos compele a repetir incessantemente uma experiência que não pôde adquirir uma representação ou se conectar a uma afecção.

4 TEMPO E CRIAÇÃO

Negar a sucessão temporal, negar o Eu, negar o universo astronômico, são desesperos aparentes e consolos secretos. Nosso destino não é assustador por ser irreal; é assustador porque é irreversível e ferrenho. O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio; é um tigre que me devora, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo, infelizmente, é real; e eu, infelizmente, sou Borges.

Borges (1952)

Borges (1952), em suas *Ficções*, versa o tempo como algo assustador em sua irreversibilidade e ferrenho em sua força. Traz-nos a dimensão de que somos apenas tempo e, ao mesmo tempo, uma ficção. Uma ficção irreversível e inevitável. Escolhemos essa passagem para introduzir um capítulo no qual olhamos para essas ficções e as produções temporais nelas implicadas.

Neste capítulo, vamos trabalhar a temporalidade a partir de um escrito estético de Freud, pois acreditamos que no campo estético, presenciamos elementos produzidos e produtores de subjetividade, essenciais para o pensamento crítico da psicanálise. Tal como vimos em uma primeira análise do *Umheimlich*, as temporalidades psíquicas encontradas na vida anímica também estão presentes nas elaborações estéticas. É mesmo neste texto que Freud se detém nessa problemática, atribuindo a esses escritos a qualidade de matéria de trabalho para o pensamento da clínica:

O psicanalista apenas raramente se sente estimulado a investigações estéticas, mesmo que ele não restrinja a estética à doutrina do belo, mas a descreva como a doutrina das qualidades do nosso sentir. Ele trabalha com outras camadas da vida anímica e tem pouco a fazer com as emoções inibidas quanto à meta, sufocadas, dependentes de um grande número de constelações concomitantes, as quais, em geral, constituem a matéria da estética. De todo modo, aqui e ali, ele percebe que pode se interessar por um domínio específico da estética, e então,

trata-se de algo comumente deixado de lado, negligenciado pela literatura especializada. Algo desse domínio é o infamiliar (FREUD, 1919/data, p. 29).

Antes disso, porém, Freud (1908/2018) já havia se dedicado à atividade do poeta em uma dimensão que nos interessa sobremaneira na clínica: a fantasia. Assim, trabalharemos, também, textos sobre a técnica psicanalítica que nos possibilitam pensar as dimensões de passado, presente e futuro se alinhando em uma ficção subjetiva e singular na clínica.

4.1 O TEMPO DA FANTASIA

Na tentativa de investigar a fonte do saber do poeta [*Dichter*]²⁰ e como ele consegue nos despertar emoções que talvez não fôssemos capazes de sentir, Freud escreve o texto *O Poeta e o Fantasiar* (1908). Esse problema aparece na medida em que Freud (1908/2018) depara-se com a impossibilidade de nos tornarmos poetas, a partir da melhor explanação do próprio poeta “[...] acerca das condições da escolha do material poético e da essência da arte de plasmar poeticamente” (1908/2018, p. 53).

Para isso, Freud (1908/2018) procura alguma atividade comum a nós que seja semelhante à do poeta, partindo do pressuposto de que o próprio poeta “[...] nos assegura, com frequência, que em cada um existe um poeta escondido e que o último poeta deverá morrer junto com o último homem” (1908/2018, p. 54). Nessa direção, nos conduz a uma investigação de uma atividade similar já nas crianças e depara-se com o brincar. Para Freud, “toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada” (1908/2018, p. 54). Isso não significaria dizer que, ao criar o seu próprio mundo, a criança não estaria levando a sério sua brincadeira:

O oposto do brincar não é a seriedade, mas a realidade. A criança diferencia enfaticamente seu mundo de brincadeira da realidade,

²⁰ Na nota de rodapé do tradutor Ernani Chaves, publicado pela Editora Autêntica, encontramos como definição para o termo alemão: “[...] no sentido mais amplo e geral de poeta como “criador”, englobando o escritor, o romancista, o novelista, o contista, assim como aquele ‘que faz versos’” (CHAVES, 2018, p. 65).

apesar de toda a distribuição de afeto, e empresta, com prazer, seus objetos imaginários e relacionamentos às coisas concretas e visíveis do mundo real (1908/2018, p. 54).

Esse empréstimo diferencia o brincar da criança do fantasiar do poeta. O poeta também cria o seu próprio mundo e o leva a sério, distinguindo-o da realidade. Depois que a criança cresce e precisa encarar a realidade adulta com sua exigida seriedade, pode se lembrar da seriedade com que conduzia suas brincadeiras infantis e desfazer-se das densas rédeas da realidade adulta através do humor, alcançando algum ganho de prazer. Entretanto, Freud (1908/2018) nos lembra a dificuldade da vida psíquica em renunciar a um prazer outrora experimentado, propondo que aquilo que aparenta ser renúncia nada mais é do que uma formação substitutiva. Ao renunciar à brincadeira infantil, passa-se a fantasiar. O que equivaleria, nas palavras do autor, aos sonhos diurnos.

Outra diferença crucial entre o brincar e o fantasiar está na assunção da atividade. De um lado, o adulto esconde o seu fantasiar e, do outro lado, a criança não esconde a sua brincadeira. A brincadeira da criança é movida pelo desejo de se tornar grande e adulta, o que não lhe parece motivo de constrangimento. Já em relação ao adulto, espera-se que ele não fantaseie em razão da semelhança com a atividade infantil e, também, por conter desejos ocultos proibidos em suas fantasias²¹. Essa conclusão acerca dos atributos e desejos que movem o fantasiar advém do tratamento dos doentes dos nervos (pacientes histéricos) que esperam dos médicos responsáveis pelo seu tratamento tanto a sua melhora quanto que respondam por suas fantasias. Dessa forma, Freud afirma que “[...] nossos doentes não nos comunicam nada diferente do que as pessoas sãs também poderiam experimentar” (1908/2018, p. 57). Os desejos insatisfeitos constituem-se como forças impulsionadoras [*Triebkräfte*] das fantasias, sendo que “[...] toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (1908/2018, p. 57).

²¹ Os sonhos noturnos também funcionam tais quais os sonhos diurnos, ou seja, as fantasias, conforme apresentado por Freud (1900/2019) por meio de sua interpretação.

Bom, posto que a fantasia apresenta-se enquanto formação substitutiva da brincadeira infantil, vale-nos o questionamento: seria a fantasia uma construção estática que remeteria à uma forma inalterada de brincar vivida na infância? Para dar conta desse problema, Freud (1908/2018) relaciona a fantasia com o tempo:

Eles são muito mais adaptáveis às mudanças das impressões da vida, recebendo de cada nova e eficaz impressão uma conhecida “marca do tempo”. As relações da fantasia com o tempo são muito significativas. Deve-se dizer: uma fantasia paira entre três tempos, os três momentos temporais de nossa imaginação. O trabalho psíquico se acopla a uma impressão atual, a uma oportunidade no presente, capaz de despertar um dos grandes desejos da pessoa; remonta a partir daí à lembrança de uma vivência antiga, na sua maioria uma vivência infantil, na qual aquele desejo foi realizado e cria então uma situação ligada ao futuro, que se apresenta como a realização daquele desejo, seja no sonho diurno ou na fantasia, que traz consigo os traços de uma gênese naquela oportunidade e na lembrança. Ou seja, passado, presente, futuro se alinham como um cordão percorrido pelo desejo (FREUD, 1908/2018, p. 58).

Assim, Freud nos apresenta uma conexão coexistente entre os três momentos temporais de nossa imaginação: passado, presente e futuro. Seguindo essa pista, afirma: “[...] o desejo utiliza uma oportunidade no presente para projetar, segundo um modelo do passado, uma imagem do futuro” (FREUD, 1908/2018, p. 58). Bom, se Freud estabelece uma relação comparativa entre, de um lado, a fantasia e a criação artística e, de outro, o sonhador diurno e o poeta, essa mesma fórmula de relacionar os três tempos também vale para o poeta e sua criação artística:

[...] uma forte vivência atual deve despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga, em geral uma vivência infantil, da qual então parte o desejo que será realizado na criação literária [*Dichtung*]; a própria criação literária permite que se reconheçam tanto elementos de acontecimentos recentes quanto também antigas lembranças (FREUD, 1908/2018, p. 62).

Entretanto, apesar de Freud (1908/2018) sustentar essa comparação, não poderíamos deduzir que a fantasia e a obra poética são a mesma coisa. Não seria suficiente que um poeta expressasse a sua fantasia, sem disfarces, a fim de nos comover. Ele precisaria enunciar suas brincadeiras e descrever seus motivos de sonhos diurnos. Pois bem, ele assim o faz através da superação da sua repulsão em relação à sua própria fantasia, sendo necessário que ele

suavize o caráter do seu sonho diurno, por meio de disfarces e ocultamentos, e nos instigue “[...] por meio de um ganho de prazer puramente formal, ou seja, estético, o qual ele nos oferece na exposição de suas fantasias” (1908/2018, p. 64). Todo prazer estético, criado por um artista para nós, espectadores, contém o caráter de um prazer preliminar e o verdadeiro deleite da obra poética advém da liberação de tensões de nossa psique.

Outra pontuação a respeito da produção literária feita por Freud (1908/2018) está na diferença entre a formulação livre e os trabalhos que possuem um material já conhecido e pronto. Nesses trabalhos, ainda existe uma parcela de autonomia frente à escolha dos materiais presentes na produção, entretanto “[...] quanto mais os materiais já estão dados, mais surgem outros dos tesouros populares dos mitos, sagas e contos de fada” (1908/2018, p. 63). A presença desses tesouros encontra-se nos “[...] resíduos deformados das fantasias de toda uma nação, os *sonhos seculares* dos jovens” (1908/2018, p. 63). Dessa forma, acompanhando o raciocínio freudiano, podemos apontar as criações poéticas com caráter mítico e popular enquanto um produto das fantasias de toda uma nação que articulam seus três tempos com os acontecimentos de seu presente e em articulação às lembranças de seu passado próprio.

Pois bem, Freud (1908/2018), ao comparar a brincadeira com o fantasiar do poeta, reivindica a seriedade de ambas atividades de caráter ficcionais. Além disso, afirma que há uma relação substitutiva, quando a criança torna-se adulta, entre o brincar e o fantasiar. Em outros termos, a criança abandona o brincar pelo fantasiar quando adulta. De outro modo, o adulto passa a envergonhar-se de seu fantasiar por conter justamente desejos ocultos infantis em sua atividade. E, como Freud (1908/2018) nos evidencia, esse constrangimento traz algo de *infamiliar*; algo de íntimo que corresponde a uma realização de desejo frente a uma realidade de insatisfação.

Esse mecanismo de substituição não se dá de forma estática, sem perdas ou alterações. As fantasias vão se modificando conforme nos deparamos com impressões da vida e adquirimos marcas do tempo. A fantasia situa-se entre os

três tempos de nossa imaginação: presente, passado e futuro. Na oportunidade presente possui capacidade de despertar algum grande desejo da pessoa, que remonta, na maioria das vezes, a uma vivência antiga infantil na qual o desejo não fora realizado. Dessa forma, cria-se uma situação conectada à dimensão imaginária futura. Alinhando o passado, presente e o futuro em um mesmo percurso do desejo. O desejo projeta na atualidade do presente, segundo referências do passado, uma imagem do porvir, do futuro.

Nesse tempo da fantasia, que alinha o desejo entre essas três dimensões temporais, percebemos também o seu funcionamento *a posteriori*. Isso acontece na medida em que o desejo infantil reaparece enquanto realização de desejo em uma situação posterior na fantasia. Isso acontece de modo processual ao longo do desenvolvimento e maturidade do indivíduo. Esse reaparecimento não se dá sem acréscimos, mas em uma constante invenção e reinvenção de um trabalho sobre as memórias e desejos do passado, o que, por sua vez, se atualiza em novas articulações com o presente.

Ainda em tempo, seria inútil procurar nos escritos estéticos literários uma verdade estagnada sobre a vida e o passado do autor da ficção fantasiosa. Ou seja, o passado não encontra-se fixado e enviando signos prontos para serem representados em uma situação posterior.

O tempo da fantasia é sempre o presente, mas se dá em uma construção regressiva, como na temporalidade dos sonhos, no trauma, no recalque, e em outras produções inconscientes. No inconsciente não há uma verdade última que se encontra com indícios da realidade, não há diferenciação entre a verdade de um fato e a ficção construída a partir de um afeto.

4.2 SOBRE A TRANSITORIEDADE

Em resposta a uma demanda recebida em 1915 pela Associação Goethe de Berlim, Freud escreve um texto intitulado *Vergänglichkeit*, que foi publicado primeiramente em “O país de Goethe” (IANINNI, 2019). *Vergänglich* pode ser remetido, na tradução para o português: ao que é efêmero, fugaz, não pode durar, que deve passar (IANINNI, 2019). Este texto viria a ser visto mais tarde como uma das maiores realizações literárias de Freud.

O plano de fundo da publicação era a arrecadação de fundos para a reconstrução da Prússia Oriental que fora devastada pela Guerra. Para isso, convidaram alguns cientistas e escritores para produzirem textos que serviriam como um certo tipo de propaganda nacionalista para o povo alemão. Em um contexto no qual o povo alemão era retratado como um povo de barbárie, a publicação pretendia promovê-lo enquanto um povo de cultura. Ao lado de Freud, outros autores, a exemplo de Einstein, também contribuíram com textos para tal publicação. Entretanto, Freud (1916/2018) opta por um caminho um pouco diferente do que poderia ser esperado como uma propaganda nacionalista, apontando para o luto, advindo das severas perdas no pós-guerra, enquanto uma possibilidade de reconstrução.

O texto se passa durante uma caminhada, em um dia de verão. Nessa caminhada, encontram-se Freud, um “amigo taciturno” e um “jovem já famoso e conhecido poeta” em meio a beleza de uma “florescente paisagem de verão”. O jovem poeta admirava a beleza da paisagem natural que os rodeava, mas perturbava-se com a ideia de que toda aquela beleza estava destinada a perecer com a chegada do inverno, “[...] assim como toda beleza humana e tudo que é belo e nobre que o homem criou e poderia criar. Até mesmo tudo o que ele amara e admirara, parecia-lhe desvalorizado pelo destino determinante da

transitoriedade” (FREUD, 1916/2018, p. 221).

Freud aponta para o fato de o poeta associar o valor da transitoriedade do belo à sua desvalorização. Acrescenta, também, que essa exigência de eternidade, quando isolada, deve ser um êxito de nossa vida desejante, como se pudesse pretender um valor de realidade. Entretanto, há uma possibilidade de que o doloroso seja verdadeiro. Freud se posiciona, assim, exatamente contrário ao poeta pessimista, afirmando haver um aumento de valor na transitoriedade:

Considero incompreensível que a ideia de transitoriedade do belo possa perturbar nossa alegria diante dele. No que diz respeito à beleza da natureza, após sua destruição pelo inverno, ela voltará novamente no próximo ano, e esse retorno em relação à duração de nossa vida deveria ser caracterizado como eterno (FREUD, 1916/2018, p. 222).

À esse retorno, Freud (1916/2018) atribui a responsabilidade de um acréscimo de uma nova beleza. E, portanto, afirma o valor da efemeridade e da limitação temporal. O autor também amplia essa afirmação da transitoriedade para o valor da obra de arte e da capacidade intelectual, concluindo que mesmo que ambas desaparecessem da face da terra ou fossem vistos como sem valor pelas gerações futuras,

[...] o valor de toda essa beleza e perfeição seria caracterizado apenas por meio do seu significado para nossa vida sensível, uma vez que esta não precisa sobreviver e, por isso, é independente da duração absoluta do tempo (FREUD, 1916/2018, p. 222).

Nessa passagem, Freud aponta para a singularidade da experiência estética, sem ignorar que aquilo que é elevado à condição de arte pode ser historicamente datado, ainda que atinja esse estado justamente por algo que poderíamos caracterizar como “atemporal”. Sem adentrarmos, de fato, nas discussões sobre estética e teoria da arte, a valorização da vida sensível na apreciação do belo nos remete a algo que atinge o contemplador e que ele vai ter que elaborar a partir deste momento. Independente da duração absoluta do tempo, o sujeito vai ser marcado por essa experiência e, na sua ausência, ele buscará reencontrá-la em outros objetos.

Freud atribui a contestação da transitoriedade à “[...] revolta psíquica contra o luto” (FREUD, 1916/2018, p. 223) que desvalorizaria, por sua vez, a fruição do

belo. Para Freud, essa transitoriedade do belo forneceu, tanto para o poeta quanto para o amigo taciturno, uma prova do luto, fazendo-os, assim, recuar diante da dolorosa ideia sobre sua própria transitoriedade.

Em breve explicação acerca do funcionamento do luto²², Freud atribui o sofrimento desse processo ao esvaziamento da libido em relação aos objetos que ela investe. A libido, descrita como certa quantidade de capacidade de amor volta-se, nos primórdios do desenvolvimento, para o próprio Eu. Porém, posteriormente, essa libido separa-se do Eu e volta-se para objetos, que, quando perdidos, podem ser fantasisticamente incorporados ao nosso Eu. Desse modo, a libido pode substituir esses objetos por outros ou, provisoriamente, voltar para o Eu. Essa libido “[...] se prende aos seus objetos e também não quer desistir dos perdidos, mesmo quando já preparou o substituto. Eis aí o luto” (FREUD, 1916/2018, p. 223).

Nas palavras de Freud (1916/2018), essa conversa aconteceu no verão que antecedeu à guerra, que destruiu não somente as belezas naturais dos caminhos que atravessara, bem como as obras de arte, o orgulho coletivo pela cultura, o respeito por artistas, a esperança da superação das diferenças entre os povos e raças. Também manchara a sublime neutralidade da ciência e deixara nua a vida pulsional de seu povo. Diante disso, o autor aponta para a perda e o conseqüente processo de luto enquanto via de possibilidade de uma nova construção:

Caso renunciemos a tudo que foi perdido, o próprio luto também enfraquece e então nossa libido torna-se novamente livre, pois ainda somos jovens e cheios de vida para substituir os objetos perdidos por novos objetos possíveis, preciosos ou mais preciosos ainda (FREUD, 1916/2018, 224).

Assim, Freud conclui seu texto apontando para os novos possíveis, com a perspectiva de que as novas construções tenham fundamentos mais sólidos e mais duráveis do que anteriormente.

Há hipóteses de que esse passeio nunca tenha ocorrido, levando-nos a

²² Freud se dedica cuidadosamente, tempos mais tarde, ao estudo sobre as relações entre a libido e o luto, a partir das questões dos objetos e suas perdas, em seu ensaio metapsicológico denominado como *Luto e Melancolia* (1917).

considerar a visita de Freud ao poeta Rainer Maria Rilke em 1915 (IANNINI, 2019), relatada a Lou Salomé, como momento de um rompimento da amizade dele com o poeta. Dessa forma, nos parece que Freud (1916/2018) também escolhe ficcionalizar uma cena literária sobre a relação do tempo com o luto para dar conta de seu próprio processo de luto. Assim como tematizou em *O poeta e o fantasiar* (1908/2018), Freud (1916/2018) produz sua própria fantasia diurna como uma nova possibilidade frente a uma perda.

É nessa direção que o autor afirma a fragilidade de todos os objetos, desde paisagens à instituições sociais que nos parecem tão consagradas. Há uma aposta política presente nesse texto, manifesta no rompimento das barreiras entre a dimensão social e a individual e, também, entre natureza e cultura. Freud aponta para a necessidade de reconhecer a limitação temporal e de realizar o luto dessas instituições, pois são as perdas que as fazem sobreviver. Portanto, podemos concluir que Freud (1916/2018) indica uma direção clínica para a perda e, assim, uma nova construção advinda dela, atribuindo à verdade temporal a estrutura de ficção.

Freud aposta que frente ao encontro e eleição de um objeto de desejo, o sujeito passa a ser marcado por essa experiência de afetação. E mesmo que a perda desse objeto seja impreterível, o sujeito tentará reencontrá-lo em outros objetos. E nessa substituição há um acréscimo de uma nova beleza, há a produção de um futuro. O encontro do sujeito com o objeto de desejo, e sua consequente perda, impelirá a construção de uma nova relação objetal, que, por sua vez, será construída a partir de um passado de encontros. Um passado, que ao passar, permite a construção de presente e futuro que o reverenciem.

4.3 ANÁLISE FINITA OU INFINITA

No texto *A análise finita e a infinita* (1937a/2019), Freud retoma a sua postulação sobre a importância da longa duração do processo de análise presente em seu texto *Sobre o início do tratamento* (1913/2019). Freud (1937a/2019) afirma essa durabilidade em contraponto aos esforços advindos de analistas em encurtar cada vez mais o tempo da duração do tratamento psicanalítico, tal como ele próprio fez em 1918. De acordo com Freud (1937a/2019), esses esforços seriam resquícios da concepção da Medicina Antiga, ao se deparar com as neuroses enquanto um quadro sintomático com fonte em danos invisíveis. Desse modo, se a medicina precisava lidar com esses pacientes, que tivesse o mínimo dispêndio de tempo possível. Diante da problemática acerca do tempo de duração do tratamento, Freud (1937a/2019) levanta outra questão: “[...] se há um término natural de uma análise, ou se é possível levar uma análise até tal término” (FREUD, 1937a/2019, p. 319).

Caso tratássemos de afirmar uma completude na análise, suporíamos também um nível de completude no qual o analisando atingiria um nível de normalidade psíquica absoluta. Esse Eu normal só existe enquanto ficção ideal, assim como toda normalidade: “Toda pessoa normal justamente é apenas medianamente normal; o seu Eu se aproxima daquele do psicótico em um ou outro aspecto, em maior ou menor grau” (FREUD, 1937a/2019, p. 339).

As transformações advindas da terapia analítica, como sabemos, não se dão de modo completo. Dessa forma, não adianta olhar para o resultado, mas para o que se deu no processo. Se nas primeiras descrições das etapas de desenvolvimento realizadas por Freud (1905/2016), uma fase se extinguiu enquanto realizada para dar lugar a outra, Freud (1937a/2019) revisita essa concepção para alertar que essas passagens não se dão de forma completa mesmo no desenvolvimento normal, pois ainda persistem restos das antigas

fixações da libido. Em outros termos, elas continuam coexistindo ao lado das fases mais recentes. Além de pautar uma crítica a um desenvolvimento humano linear, dividido por fases, progressivo e contínuo, Freud expande essa crítica a uma concepção de desenvolvimento cultural:

Em áreas muito diferentes podemos detectar a mesma coisa. Não há nenhuma das acepções equivocadas ou das superstições humanas supostamente superadas que não tenha deixado restos, que não continue entre nós hoje, nas camadas mais profundas dos povos civilizados, ou mesmo nas camadas mais altas da sociedade cultivada. Aquilo que alguma vez ganhou vida sabe se manter de forma tenaz. Às vezes, poderíamos questionar se os dragões dos tempos primevos realmente foram extintos (FREUD, 1937a/2019, p. 331).

Dessa forma, reitera, em uma perspectiva cultural, a coexistência da dimensão do passado como contemporâneo ao presente. Esses restos do passado, originários, junto a outras experiências e traumas adquiridos, constituem variações no Eu atual.

Posta a incompletude do tratamento analítico, Freud (1937a/2019) nos coloca defronte a outro obstáculo: existiria um tratamento profilático aos possíveis distúrbios que venhamos a desenvolver? Diante dessa indagação, o autor nos alerta para o risco de que, ao tentarmos prever um destino de um distúrbio, acabarmos por provocar um outro conflito patogênico no analisando. E essa função já tem sido, comumente, delegada ao destino.

Portanto, Freud evidencia que no campo da clínica psicanalítica, não há caminhos para a abreviação de um tratamento que garanta também a sua eficácia. Cada caso é detentor de um tempo próprio de duração. E, mesmo quando um tratamento é interrompido ou terminado em sua parcialidade, podemos nos deparar com o retorno do analisando a um processo de análise.

É importante sublinhar que o funcionamento *a posteriori* dos recalques que acontecem na primeira infância, que se caracterizam como medidas protetivas do Eu ainda imaturo e frágil, dependem de uma certa temporalidade. Nos anos seguintes, não ocorrem mais recalques, mas os antigos, com origem nos primórdios da infância. De acordo com Freud, há posteriormente uma correção do processo original do recalque, "[...] que coloca um fim na supremacia do fator

quantitativo, seria, portanto, a verdadeira contribuição da terapia analítica" (FREUD, 1937a/2019, 329).

Nesse texto, o Eu precisaria cumprir a sua tarefa de realizar a mediação entre seu Isso e o mundo exterior a serviço do princípio de prazer, protegendo o Isso contra os perigos possíveis. Se nesse processo, o Eu passa a se defender do próprio Isso, passa, também, a tratar suas reivindicações pulsionais enquanto ameaças externas. O Eu se serve de diferentes estratégias a fim de se proteger do perigo: angústia e desprazer. Os "mecanismos de defesa", em especial, o recalque, foram o ponto de partida para os estudos clínicos das neuroses.

Esse mecanismo específico do recalque trabalha com a distorção e exclusão de materiais que podem nos proporcionar desprazer. Se a percepção da realidade for o que trazer desprazer, ela precisará ser sacrificada. Entretanto, não podemos fugir de nós mesmos, não há como escapar de um perigo interno. É a partir daí que falsificamos nossa percepção interior e obtemos um conhecimento distorcido de nosso inconsciente. Um indivíduo não utiliza todos os mecanismos de defesa possíveis, mas somente alguns, que irão se fixar no Eu. Esses mecanismos selecionados transformam-se em modos de reações do caráter que se repetirão por toda a vida, na medida em que uma nova representação for associada a um trauma originário.

Mesmo no tratamento analítico, a própria cura pode vir a aparecer como um novo perigo para o Eu. Quando isso acontece, os mecanismos de defesa aparecem no tratamento como *resistências*. O efeito clínico está atrelado ao conhecimento do recalque contido no Isso por parte do analisando. Esse conhecimento se dá através de interpretações e construções e é função do analista preparar o caminho para essa tomada de conhecimento, enquanto o Eu estiver preso aos seus antigos mecanismos de defesa e não abrir mão de suas resistências. Apesar das resistências pertencerem ao Eu, elas são inconscientes e, de certo modo, distantes do próprio Eu:

[...] durante o trabalho com as resistências, o Eu - de forma mais ou menos séria - retira-se do contrato sobre o qual se funda a situação analítica. O Eu não apoia mais o nosso esforço para revelar o Isso, ele

se opõe a esse esforço, não cumpre a regra analítica básica e não permite que mais nenhum derivado do recalçado aflore (FREUD, 1937a/2019).

O Eu torna-se uma resistência contra o desvelamento de resistências. Passa a se tornar resistência não somente às descobertas de conteúdo do Isso, mas também à própria análise e a sua própria cura.

É a própria resistência que impede uma análise de se finalizar em sua completude, mas não uma resistência qualquer. A análise se caracteriza enquanto uma atividade finita na medida em que ela esbarra no motivo primevo do recalque: o comportamento diante do complexo de castração regido pela diferença sexual e pela oposição entre atividade e passividade. Sem adentrarmos na problemática do fim de análise, também podemos seguir Freud (1937b/2019) quando encurta a discussão sobre o tema da finitude da análise reduzindo-o a uma questão prática: acaba quando um analisante deixa de frequentar um analista. De toda forma, pode-se dizer que o objetivo da análise não é um encurtamento de sua duração, mas o seu aprofundamento. O encurtamento em busca de uma rápida eficácia do tratamento não encontra sentido na clínica analítica, em que é preciso tempo para o analisando encontrar os caminhos para construções acerca do seu porvir, do seu destino, para que esse possa ter a possibilidade de retificar a sua postura frente à castração, às suas repetições e sintomas. Mas o que seriam essas construções? Como elas se dão no trabalho analítico?

4.4 CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE

Trataremos disso que Freud veio a chamar de *construções* em seu texto *Construções em Análise* (1937b/2019), no qual consideramos haver pistas que nos indicam um caminho de direção clínica que lide com as diferentes modalidades temporais do sujeito em análise.

Como vimos, um dos objetivos do processo de análise é que o paciente percorra as diferentes camadas que foram se sobrepondo aos recalques mais antigos, aqueles primeiros recalques da infância. Para isso, o analisando precisará recordar suas memórias e afetos esquecidos. É sabido que os sintomas e inibições são substitutos do que foi recalcado. Apesar de esquecido, o material recalcado nos dá pistas em direção a essas lembranças perdidas em:

[...] fragmentos dessas lembranças em seus sonhos, em si de um valor incomparável, mas em geral fortemente deformados por todos os fatores que participam da formação do sonho; ocorrências que ele produz quando se entrega à “associação livre”, a partir das quais podemos descobrir alusões às vivências recalçadas e derivados das moções de afeto reprimidas, assim como as reações contra elas; por fim, alusões de repetições de afetos pertencentes ao recalcado em ações importantes ou triviais do paciente tanto dentro quanto fora da situação analítica (FREUD, 1937b/2109, p. 366).

É nos sonhos relatados em análise e na associação livre, possibilitada por meio da relação de transferência estabelecida com o analista, que há o favorecimento das conexões de afeto. A partir dessas conexões, produziremos em análise uma imagem das partes essenciais dos tempos esquecidos. Ao analista não cabe a rememoração, pois não vivenciou e nem recalcou nada. Mas terá de construir o esquecido a partir desses sinais deixados pelo inconsciente. Freud (1937b/2019) ressalta que é “como, quando e com que explicações ele comunica as suas construções ao analisando é o que estabelecerá a ligação entre as duas partes do trabalho analítico, entre a sua parte e a do analisando” (FREUD, 1937b/2019, p. 367).

Para dar conta desse problema, Freud (1937b/2019) traça uma analogia da

função do analista com o trabalho do arqueólogo. Ambas funções trabalham com resquícios e escombros, na tentativa de reconstruir através da complementação e da junção de restos conservados. O arqueólogo os utiliza a fim de mapear o que fora a construção outrora, enquanto o analista “[...] tira as suas conclusões a partir de fragmentos de lembranças, associações e declarações ativas do analisando” (FREUD, 1937b/2019, p. 368). Quando um objeto ou elemento aparece em certa camada, cabe ao arqueólogo e ao analista decidirem se fazem parte da camada na qual se encontram ou se chegaram até lá por conta de uma perturbação posterior. O analista também lida com um material para o qual não há correspondência nas escavações. Esse é o caso das repetições de reações de tempos originários e também todas as repetições reveladas através da transferência.

Para o psiquismo, diferente do material de trabalho arqueológico, todo o essencial está preservado. Nada fora destruído, tudo está presente em algum lugar, porém inacessível ao indivíduo. Cabe apenas à técnica analítica saber se será possível revelar o que se encontra oculto. Por fim, para a arqueologia a reconstrução fidedigna é a finalidade última, para a análise, a construção é apenas um trabalho preliminar. O que não indica que precisará ser terminado antes de passar para o próximo trabalho:

[...] ambos os tipos de trabalho caminham paralelamente, sempre um deles um tanto na dianteira, vindo o outro em sua sequência. O analista produz um pedaço de construção, comunica-o ao paciente, para que faça efeito sobre ele; depois, ele constrói mais um pedaço a partir do novo material que chega como um afluente e trabalha do mesmo jeito, e nessa alternância vai até o fim (FREUD, 1937b/2019, p. 369-370).

Freud distingue o termo construção da interpretação. A interpretação se direciona ao que fazemos com um elemento isolado do material, enquanto a construção diz respeito a um trabalho envolvendo vários sinais, apresentando ao analisando um pedaço de sua história esquecida. Se é o analista que serve essas construções ao analisando, quais seriam as garantias de uma construção certa? Como saberíamos que não estamos construindo algo de forma incorreta?

Freud (1937b/2019) nos adverte de que não haverá danos graves no oferecimento de uma construção equivocada, pois “apenas a continuidade da análise poderá trazer a decisão sobre a correção ou a inutilidade da nossa construção” (FREUD, 1937b/2019, p. 375). A construção nada mais é do que uma suposição passível de verificação e, assim, comprovação ou descarte. Não exige-se nenhuma concordância ou autoridade a ela, não lutamos pela verdade que acredita-se contida nela.

É verdade que, muitas vezes, o caminho que se inicia na construção do analista não termina na construção do paciente. Ao invés disso, quando executamos o trabalho de forma correta, conseguimos que o analisando construa a sua verdade através da construção do analista, tendo o mesmo efeito de uma recordação atingida. Valemos também da potência da fantasia em apresentar um tempo de ficção substitutivo a uma realização de desejos infantis. Freud afirma a fantasia, inclusive, como parte metodológica de sua teoria metapsicológica: “[...] sem fantasiar – não avançamos nenhum passo sequer” (FREUD, 1937a/2019, p. 326).

Freud (1937b/2019) também recorre aos delírios psicóticos, que possuem o mecanismo similar ao dos sonhos, para atestar também a potência da ficção alucinatória de assumir a posição de verdade histórica. Encontramos aqui uma pista ética, pois entenderíamos que é inútil convencer o doente do equívoco de sua forma delirante ao contrapormos com a realidade. Mas compreenderíamos o delírio enquanto uma ficção necessária detentora de verdade para a história do sujeito:

As formações delirantes dos doentes parecem-me equivalentes das construções que elaboramos nos tratamentos analíticos, tentativas de explicação e reconstituição, que sob as condições da psicose, aliás, só poderão levar a substituir aquela parte de realidade que é renegada no presente por uma outra parte, que nos primórdios também foi renegada. Revelar as relações íntimas entre a matéria da recusa atual e o antigo recalque será tarefa do exame individual. Assim como a nossa construção só tem efeito por trazer de volta uma parte da história de vida perdida, o delírio também deve o seu poder de convencimento à porção de verdade histórica que ele coloca no lugar da realidade rejeitada. Desse modo, o delírio também se submeteria à frase que no passado eu usei apenas para a histeria, dizendo que o doente sofria de

reminiscências (FREUD, 1937b/2019, p. 379).

Dessa forma, Freud aproxima o funcionamento da loucura do funcionamento dito normal (antes, neurótico ou histérico), constatando que toda a humanidade também desenvolveu formações delirantes inacessíveis à crítica lógica e que contradizem a realidade.

É dessa maneira que Freud chega à conclusão de que há um lugar para a ficção de um tempo inconsciente em análise. Em outras palavras, é na análise que se dá a construção do paciente sobre seu porvir. Apontando, também, o estatuto do tempo do inconsciente, em todas as suas articulações, enquanto o da ficção. E por ser uma construção presente em análise, refazendo-se a todo momento, afirma a tarefa da análise enquanto interminável. Essa elaboração afasta Freud de um determinismo fechado, pois coloca a questão do porvir em aberto. O destino como algo a ser construído.

Na clínica, o tempo não passa, não como uma relação passiva com o sujeito. O tempo não se regula pelo relógio, mas pela transferência. E é na transferência que o inconsciente fala, de acordo com a sua temporalidade. Uma ficção intempestiva e lógica. Ficção no sentido de não obedecer a uma verdade que não seja a do inconsciente manifesta em suas produções, a verdade do próprio sujeito.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensar esse tempo de criação, recorreremos a quatro textos de Freud: dois textos que apresentam as temporalidades encontradas na vida anímica presentes nos escritos estéticos; e dois textos da técnica clínica que nos apresentam pistas para pensar a temporalidade do próprio processo de análise e de suas construções.

No texto *O poeta e o fantasiar* (1908/2018), Freud baseia-se na investigação do produto poético e na sua íntima relação com o fantasiar. De acordo com Freud (1908/2018), a fantasia é remontada por meio de uma vivência primordial infantil para formar uma imagem futura, reinscrevendo e remodelando seu passado. O passado, por sua vez, é atualizado através de novas construções com o presente. O tempo de realização da fantasia é sempre o presente, o próprio tempo de realização do desejo, mas projeta um tempo futuro. Na fantasia, assim como em todas as outras produções inconscientes, não há verdade factual que contenha prova de realidade. Nesse sentido, a ficção ocupa o estatuto de verdade para o sujeito em questão.

Já em *Transitoriedade* (1916/2018), Freud escreve seu próprio produto literário. Ele retrata uma caminhada cujos personagens se defrontam com a transitoriedade, das coisas belas nas quais elegemos enquanto objetos de desejo. Assim sendo, Freud traz algumas formas de pensar a temporalidade: o tempo da perduração da afetação de um sujeito frente a seu objeto transitório, que mesmo perdido, continua a subsistir e se atualizar em novas relações objetais; e o tempo do luto vivido frente à perda de um objeto que aponta para a construção de um futuro. Construção que se faz responsável apenas de quem vivencia a perda e se inscreve a partir de sua história pessoal ou coletiva. Se a construção de um futuro passa pelo sentimento de perda e sua respectiva elaboração no luto, a verdade temporal passa a se inscrever também como uma ficção.

Posta a temporalidade presente nessas formações da fantasia e do luto, nos encontramos com o terreno no qual o inconsciente e suas formações são materiais de trabalho: a análise. Neste terreno, as relações temporais são várias. É na análise que é possível subverter a trama linear do tempo e construir autonomia frente às ficções das quais o sujeito participa. Sendo esse, portanto, o espaço privilegiado para a criação constante, através da transferência, de um passado, de um presente e de um futuro. A respeito do tempo da própria análise, encontramos em Freud algumas provocações contidas nos seus escritos técnicos sobre a duração temporal de um tratamento, bem como a construção do porvir em análise.

No primeiro texto da técnica psicanalítica *A análise finita e a infinita* (1937a/2019), Freud assinala o caráter duradouro desse processo. O tempo de análise, nesse sentido, não se diferenciaria do tempo do sujeito. Dessa forma, afirma que é preciso de tempo para o tratamento. E, assim como o sujeito, a análise é insuficiente, finita e parcial. Entretanto, ela não possui um fim ideal, o fim desse processo é intrínseco à singularidade de cada tratamento. Isso acontece, pois o fim de uma análise, a completude de todos os processos geradores de sofrimento, esbarram na limitação do sujeito estabelecida pela sua relação com a castração. Nas palavras de Freud (1937a/2019), o fim de uma análise é somente uma questão de prática.

Colocada a limitação da duração do trabalho clínico, Freud depara-se, no segundo texto da técnica *Construções em análise* (1937b/2019), com a construção de um passado, de um presente e de um futuro em análise. Na clínica, passado, presente e futuro não seguem uma linha cronológica do calendário ou relógio, mas se alinham na transferência. É na transferência que o inconsciente se expressa em sua temporalidade. Desse modo, o passado passa a ser reinventado na medida em que é revisitado pelo sujeito, comparece no presente enquanto uma construção que apresenta um futuro. Essas instâncias não se articulam em uma verdade factual para o sujeito, mas é a através de suas elaborações ficcionais que as construções advêm. Uma ficção que não se compromete com a realidade, mas respeita somente a verdade do inconsciente

manifesta em todas as suas produções. Ou seja, a verdade do próprio sujeito. Essas construções têm o poder de transformar os caminhos do sujeito, possibilitando-o a assumir uma nova posição frente à seus desafios e sofrimentos. Isso torna a questão do porvir em aberto, afastando a perspectiva de um determinismo de um destino fechado regido por um passado distante e estático.

5 TEMPO FINITO: CONCLUSÕES INFINITAS

Constatamos que o aparelho psíquico e seus demais componentes estão estabelecidos em uma ordem fixa, na qual os processos psíquicos se efetuam através de uma excitação advinda da percepção que percorre os sistemas em uma determinada sequência temporal, seja progressiva ou regressiva. Cada instância psíquica possui um modo de funcionamento próprio que caracteriza a diferenciação de cada uma, porém, sempre em correlação e coexistência com as outras. Encontramos com Gondar (1995) para sistematizar essas características de funcionamento temporal dessas instâncias. Atestamos, portanto, um funcionamento atemporal dos processos inconscientes quando comparado à temporalidade dos processos conscientes. E, ainda, um outro funcionamento *a posteriori* das representações inconscientes que aparece de modo mais esparsa ao longo da produção teórica freudiana. Entretanto, essa separação aparece somente de forma didática, visto que ambas elaborações constituem uma mesma teoria.

De acordo com Freud, o inconsciente é atemporal, pois os seus processos não possuem uma ordenação cronológica e são indestrutíveis. Vimos isso no caso do retorno do recalado e do sofrimento histérico pelas reminiscências do passado. O inconsciente desconhece a noção de passagem de tempo. Essas características só se tornam evidentes quando comparadas com o funcionamento dos processos anímicos conscientes.

Na consciência, presenciamos uma representação abstrata e descontínua de tempo (FREUD, 1920/2020) advinda do sistema Percepção-Consciência, que nada mais é do que uma autopercepção dele. Um funcionamento que é investido e desinvestido pelo inconsciente através de seu envio e retirada de impulsos. Ou seja, é regido pelo próprio funcionamento inconsciente. O tempo da consciência corresponderia à representação de um tempo cronológico: uma sucessão de instantes descontínuos e independentes. O que garante a construção de uma ligação entre os pontos é a memória. A consciência não armazena nenhum

material de memória, mas o transmite para os traços de memória inconscientes que realizam as suas associações e articulações entre si. As nossas lembranças são todas inconscientes, elas podem um dia se tornarem conscientes, mas produzem efeitos em nossa vida mesmo inconscientes. A indestrutibilidade é uma particularidade dos processos inconscientes, nessa instância psíquica “[...] nada chega ao fim, nada passa ou é esquecido” (FREUD, 1900/2019, p. 630).

A memória é a razão de interpretarmos os instantes descontínuos, sucessivos e independentes enquanto uma experiência que se inscreve em uma história individual. Dessa forma, compreendemos não só que o inconsciente é a base de todo psiquismo, possuindo o estatuto de realidade psíquica, como também chegamos a formulação do aparelho psíquico como um aparelho de memória. Esse aparelho é estratificado e seu material é remodelado e retranscrito *a posteriori* em prol de novas experiências e de passagem para outros graus de desenvolvimento.

Nesse processo de retranscrição pode haver uma falha de tradução: o recalque. O recalque ocorre de um desprazer advindo de um processo de tradução que impede o próprio processo de acontecer. Quando há prazer nesse processo, há a compulsão à repetição desse processo. Essa compulsão também pode vir a ser geradora de desprazer quando rememorada em diferentes fases. A retranscrição do aparelho de memória e seus movimentos de recalque e da compulsão já anunciam diferentes formas de temporalidade psíquica inconsciente que são insubmissas a um critério de desenvolvimento progressista.

O material inconsciente só pode ter acesso à consciência por meio do Pré-consciente/Consciência que altera e distorce o seu conteúdo. Essa instância remodela o material inconsciente ao deparar-se com impulsos de desejos infantis.

Ao tratar dos processos oníricos, Freud (1900/2019) revela que todas as formações de pensamento tentarão prosseguir no Pré-consciente para obter acesso à consciência. Entretanto, no caso dos sonhos e de outras alucinações, há um outro tipo de direção, um caminho reverso: a regressão. Na regressão, há

um reinvestimento de imagens mnêmicas. Nesse caso, a estrutura dos pensamentos oníricos é reduzida à matéria-prima, apesar da direção progressiva sensorial ininterrupta. Não é a lembrança passada que se atualiza na regressão, mas ela produz um estado de excitação e é o reavivamento deste estado representado visualmente que se faz atual no presente.

Assim sendo, temos um tempo da consciência descontínuo, regido por impulsos inconscientes, e filtrado pelo sistema Pré-consciente/Consciente. É nessa instância que construímos a representação do tempo simbólico: o tempo cronológico. Nos utilizamos desse tempo para elaborar nossas narrativas sobre nossa própria história e construímos uma representação linear de um desenvolvimento com marcos temporais. Entretanto, vimos que o inconsciente é o fundo de todo esse funcionamento produtor de um tempo e que é também produzido pelo tempo.

É o conceito de trauma que sugere uma temporalidade para os processos inconscientes. Assim, todas as produções, tais quais o trauma e o recalque inconscientes, seguem o mesmo funcionamento retrospectivo: *a posteriori*. Um funcionamento que se situa entre o acontecimento traumático e o sintoma. De outro modo, uma cena traumática não tem sentido em si mesma, pois carece de representação sexual. Quando evocada por uma outra cena com representação sexual, após certo desenvolvimento do indivíduo, há a sexualização do acontecimento primeiro. É essa conexão retroativa que desencadeia a produção do sintoma. O que está em jogo no tempo *a posteriori* do inconsciente é a associação entre duas representações, que não fazem sentido de um ponto de vista linear cronológico.

A remodelação *a posteriori* acontece na medida em que ocorrem novas experiências e acontecimentos, junto a maturação orgânica e a evolução da sexualidade, e que permitirão ao indivíduo acessar novas significações e reelaborações de experiências anteriores. Assim, as impressões dos primórdios da infância, do período dito pré-sexual, que supostamente não produziam efeito algum no passado, podem atingir um potencial traumático posteriormente enquanto lembranças. O trauma não significa necessariamente uma cena de

violência na infância, pois não há indicações de realidade no inconsciente. Ou seja, não é possível a diferenciação entre a verdade factual e a ficção catexizada com algum afeto. O encontro da criança com a sexualidade já é traumático em si.

Esse acontecimento *a posteriori* não indica um simples evento conectivo com efeito retardado, mas implica uma processualidade deste trabalho. Caso não reconhecemos essa processualidade, poderíamos nos equivocar reduzindo os acontecimentos passados a uma instância imóvel e remota cujos representantes simplesmente reaparecem em situações posteriores. Não há um passado puro e intocável, mas uma invenção e reinvenção de um trabalho de memória sobre o passado regido por novas articulações. O passado está em constante relação com o presente, pois continua a agir sobre o presente, remodelando-o.

A repetição, no caso *a posteriori* do inconsciente, é repetição de lembranças em conexão e, no caso da compulsão, repetição da atuação em conexão. Em ambos os casos, não existe uma repetição psíquica, pois algo é sempre acrescido a fim de conferir um outro sentido à primeira cena. Se existisse uma repetição psíquica do mesmo, o inconsciente seria previsível e impassível de mudanças.

Além da conexão atualizada por lembranças, nos deparamos com outra modalidade temporal de algo que não pode ser representável pela memória. Algo que volta incessantemente: uma compulsão à repetição. Nesses casos, o que foi reprimido e esquecido não é recordado, mas atuado. Sendo esse um modo próprio de recordar. As repetições, frequentemente baseadas em uma tentativa de obter um prazer obtido outrora, podem passar a ser desprazerosas para quem as atua. Esse, por sua vez, vivencia suas repetições como algo real e atual.

À isso que se repete involuntariamente e se faz atual como realização do afeto presente, Freud (1919/2019) denominou como *infamiliar*. Infamiliar por possuir algo de muito íntimo e próximo a nós e por tornar o que era inofensivo em nós em algo estranho. Assim, nos confrontamos com um destino irreversível e inadiável, mas sempre em constante atualização frente a novos acontecimentos.

É sobre essa repetição que se dá o trabalho com efeito modificador clínico; devemos, por meio da transferência, reconduzir o paciente para o seu passado, presente em constante remodelação.

Essa compulsão tem origem pulsional. As pulsões estão situadas entre o mental e o somático, responsáveis por articulá-los. Possuem sua fonte no corpo e objeto no registro psíquico, dão passagem às forças corporais para o registro do sentido, sendo condição para o funcionamento psíquico. O inconsciente, também responsável por articular o tempo da consciência, é um momento de atividade pulsional. Momento esse em que a força constante e contínua das pulsões são transformadas em inscrições no campo de representações do psiquismo.

Assim, entendemos que o inconsciente emerge em um momento preciso e intempestivo, que desaparece entre uma abertura e um fechamento. O inconsciente é descontínuo e retroativo, mas nunca reversível. Apesar de descontínuo como a consciência, as duas instâncias não trabalham segundo o mesmo funcionamento temporal. O inconsciente detém um funcionamento que não respeita uma ordem cronológica entre passado, presente e futuro.

O retorno do material reprimido se dá no presente, ele retorna do passado, mas retorna em um futuro desse passado. Sendo que é no presente que se dá o acontecimento, o retorno, e, por fim, a emergência do sujeito. Portanto, o inconsciente presentifica-se em uma recriação do sentido do passado, sendo irreversível por se fazer novo a cada recriação. E, assim, detentor de um tempo em produção.

Assim, compreendemos que esse tempo inconsciente, atravessado e constituído em meio a representações temporais distintas, possui uma produção singular a cada sujeito. Dessa forma, devemos nos perguntar: será que existiria uma régua que indicasse temporalmente um desenvolvimento normal de um sujeito? Se assim for, não teríamos procedimentos clínicos previsíveis comuns a todos os casos clínicos? Também não teríamos um tempo “normal” de duração de um tratamento, no qual qualquer sinal de desvio poderia ser considerado um atraso?

Se não nos utilizarmos do tempo do sujeito, assimétrico, irregular e em movimento, o trabalho clínico não acontece. Pois a própria análise é um desafio à lógica linear ao provocar tempos de atualização e anacronismos que subvertem a trama do tempo, dando lugar aos acontecimentos psíquicos.

Em suma, precisamos de nos distanciar da linha investigativa de um passado cronológico, registrado como memória de maneira estática e fiel, para nos aproximar de um tempo descontínuo e não reconciliado, de um passado virtual que se repete e se atualiza no presente. Assim, nos afastamos de uma perspectiva em que o desenvolvimento é linear, progressivo e dividido em fases, e a interrupção de seu tempo contínuo e permanente configure atraso, para considerar um processo de subjetivação em que o passado coabita no presente, onde o tempo localiza-se na própria subjetividade, não estabelecendo relação de exterioridade. O tempo não existe *a priori*, ele é produto produtor de formas subjetivas. Apostar no tempo do sujeito é apostar na ficção enquanto único registro possível da realidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Confissões, Livros VII, X e XI (1984). Covilhã: Lusosofia, 2008.

BIRMAN, Joel. O sujeito no discurso freudiano. Estilo e modernidade em psicanálise. São Paulo: ed, v. 34, p. 15-42, 1997.

ELIAS, Nobert. Sobre o tempo. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund; & BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria (1893-1895). Obras completas. Tradução de Laura Barreto; revisão da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 2016.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1990.

_____. Carta a Fließ 112 [52] (1896). In: Neurose, psicose, perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. Carta a Fließ 139 [69] (1897). In: Neurose, psicose, perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). Obras Completas. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 2019.

_____. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: _____. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 6, 2016.

_____. O poeta e o fantasiar (1908). In: Arte, Literatura e os artistas. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. Sobre o início do tratamento (1913). In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. Lembrar, repetir e perlaborar (1914). In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. O Inconsciente (1915). In: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Obras completas. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010.

_____. As pulsões e seus destinos (1915). Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. Transitoriedade (1916). In: Arte, Literatura e os artistas. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: _____. Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos", 1918 [1914]). In: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos. Obras completas. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14, 2010.

_____. O Infamiliar [Das Unheimliche] (1919). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução e notas de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. O declínio do complexo de Édipo (1924a). In: Neurose, Psicose, Perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924b). In: Neurose, Psicose, Perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. Nota sobre o bloco mágico (1925). In: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). Obras completas. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 16, 2011.

_____. A análise finita e a infinita (1937a). In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. Construções em análise (1937b). In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

_____. Esboço de Psicanálise (1940 [1938]). In: Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 23, 1975.

GARCIA-ROZA, L. A. Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões (1986). Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GONDAR, Jô. Os tempos de Freud. Revinter, 1995.

GONDAR, Jô. A multiplicidade de tempos na metapsicologia. In: Temporalidade e psicanálise. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

HANNS, Luiz Alberto. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

IANNINI, Gilson. Nota ligeira sobre a "Transitoriedade". In: Revista Curinga. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas, n. 48, jan./jun. de 2019.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (1945). In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J.; & PONTALIS, J. B. (2001). Vocabulário da psicanálise. São Paulo: MartinsFontes.

PAPAGLIA, D. E., & FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. Artmed editora, 2013.

SERRES, Michel. Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

APÊNDICE – LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	22
Figura 2 –	25